

Fragmentos de meu Tempo

Geraldo Pereira

À Memória de meu Pai, com quem aprendi a arte de expor os sentimentos.

À minha mãe, devotada figura de mulher, antecipadora de minhas necessidades escolares.

A Zaina, esposa determinada, com quem venho enfrentando o mister do existir terreno.

A Fabiana, a filha doutora, que parece preencher as lacunas de minha própria formação.

A Patrícia, a filha bacharel, advogada de bom argumento, protagonista dos afetos.

A Carol, a filha caçula e também bacharel, dos dedicados cuidados e dos exemplos de volição.

A Cláudio, Gonzalo e Romero, genros que são filhos, que fazem crescer a família.

Sumário

<i>Apresentação,</i>	7
<i>Prefácio,</i>	9
<i>Nascido e Criado,</i>	13
<i>Uma Geografia Sentimental,</i>	17
<i>O Rio Ninando o Recife,</i>	19
<i>Um Recife do Antes,</i>	21
<i>Paz e Amor,</i>	23
<i>Manhã de Domingo,</i>	25
<i>A Parição da Tarde,</i>	27
<i>Vizinha Maravilhosa,</i>	29
<i>Os Meus Enganos,</i>	31
<i>O Colégio Marista,</i>	33
<i>Cartas de Amor,</i>	35
<i>Um Novo Século,</i>	37
<i>O Segundo Bandolim,</i>	39
<i>A Petisqueira,</i>	41
<i>Um Pierrô Apaixonado,</i>	43
<i>Colombinas Enternecidas,</i>	45
<i>Os Caminhos de Lili,</i>	47
<i>Serpentinas Rasgadas,</i>	49
<i>A Alma Plena,</i>	51
<i>Ao Leitor com Carinho,</i>	53
<i>A Agonia de um Recanto,</i>	55
<i>Um Mar Tão Grande,</i>	57
<i>Gostosas Saudades,</i>	59
<i>Uma Sereia no Timbó,</i>	61
<i>Ode à Gordinha,</i>	65

Fernando de Noronha, 67
Velhos Corredores da Juventude, 69
Maria Betânia, 71
Conversa de Fim de Noite, 73
O Mercado Público, 77
A Sapatilha de Ponta, 79
Cidade Luz, 81
Várias Aproximações, 85
Os Corredores de Sevilha, 87
O Pranto da Caatinga, 89
A Conta de Luz, 91
Adeus à Torradeira, 93
A Normalista Linda, 95
Saudades do Futuro, 97
A República de Puxinãã, 99
Posfácio, 103

Apresentação

Arthur Carvalho

O Estado de Pernambuco sempre foi pródigo em escritores médicos, advogados e jornalistas. Acho mesmo que nenhuma região do Brasil tem tantos escritores médicos. Geraldo José Marques Pereira é um deles, formado pela Faculdade de Medicina da UFPE, com Curso de Especialização em Medicina Tropical, no Instituto de Medicina Tropical da USP, e Curso de Saúde Pública em Tóquio.

Colaborador do Jornal do Commercio do Recife, desde 1984, seus artigos e crônicas retratam, com absoluta nitidez, o cotidiano, os costumes de sua terra, com precisão e humor, o humor herdado de seu notável e inesquecível pai, Nilo Pereira. Em uma de suas *boutades*, Ariano Suassuna diz que o chefe de família exemplar e profissional correto e metódico, daqueles que saem do trabalho, passam na banca de revista e compram o jornal do dia, entram na padaria e compram o pão, e vão direto para casa jantar com a mulher e com os filhos, é um homem virtuoso, mas um péssimo personagem de teatro ou de romance.

Pois o nosso Geraldo Pereira consegue o milagre de ser esse pai exemplar e marido extremado, médico responsável, competente e brilhante, e, ao mesmo tempo, cronista de rara sensibilidade. No entanto, não se pense que tudo são flores na vida aparentemente pacata do autor deste excelente livro. Ele mesmo confessa, com a franqueza e a espontaneidade dos que têm caráter: “(...) é que depois de ter adoecido gravemente, depois de ter visto a bruxa da morte de muito perto, devo ter ressuscitado na minha quase tumba, e não me prendo mais às nostalgias como dantes. Atravessei um ano inteirinho doente, amargando o insuportável das dores ósseas, rebeldes a analgésicos comuns, e resistentes aos entorpecentes, drogas da indolência e da prostração, fármacos em tudo debilitantes. A cirurgia a que me submeti sob as sacrossantas mãos de Geraldo Sá Carneiro não serviu apenas para fixar a minha coluna, mas me devolveu a qualidade de vida.”.

Dizia meu amigo e poeta Tomás Seixas que nada como a enfermidade e o sofrimento humano para inspirar o escritor, tornando-o fecundo e abrindo sua mente para as verdades filosóficas e espirituais da vida. Machado de Assis e Dostoiévski teriam produzido a portentosa obra que produziram não fossem portadores do insidioso, traiçoeiro e humilhante mal da epilepsia? Tanto que é o próprio Geraldo quem se refere à sua doença: “Fez-me enxergar a existência sob

a ótica do novo, de um porvir sempre esperado e desejado, aguardado com ansiedade.”.

Como falar em Geraldo Pereira sem citar seu pai, o mestre Nilo Pereira? Lembro-me do dia em que o conheci pessoalmente no gabinete de Fernando Freyre, na Fundação Joaquim Nabuco, na Avenida 17 de Agosto, em Casa Forte. Ele estava acompanhado do historiador Amaro Quintas, e o papo, muito agradável, entrou pela tarde do fim de um inverno adentro, o perfume dos cajueiros em flor, penetrando pela janela aberta. Quando lhe disse que conhecia a Usina Olho D’água, estabelecida no Município do Ceará-Mirim, no Rio Grande do Norte, ele se animou e recordou episódios interessantes de sua infância na aprazível cidade potiguar onde nasceu. A conversa foi animada com as eruditas intervenções do historiador Amaro Quintas. Poucos cronistas li com o estilo límpido e agradável de N.P., como ele assinava.

Permitam-me concluir esta apresentação de Geraldo José Marques Pereira, usando o lugar-comum, recurso muito apreciado por Eça de Queiroz: “Geraldo Pereira é um homem múltiplo”, pois, além de sua atividade como articulista, ainda encontrou tempo para ser, como foi, dentre outras coisas: Chefe do Departamento de Medicina Tropical da Universidade Federal de Pernambuco, Coordenador de Pós-Graduação em Medicina Tropical da Universidade Federal de Pernambuco-UFPE, Vice-Reitor da Universidade Federal de Pernambuco e Presidente da Academia Pernambucana de Medicina. Integrando atualmente o Conselho Estadual de Cultura, na condição de Conselheiro, fundou o Núcleo de Saúde Pública e Desenvolvimento Social da UFPE e publicou inúmeros trabalhos sobre Medicina. A ele poderemos aplicar a máxima universalmente popular: “Filho de peixe, peixinho é.”.

Arthur Carvalho é advogado, jornalista e escritor.

Prefácio

UM CRONISTA DO RECIFE

Raimundo Carrero

O Recife sempre reclamou a presença de um romancista especial. Sempre. É claro que não se pode esquecer a obra de Hermilo Borba Filho, por exemplo, - a capital pernambucana está ali cada vez mais pulsante e dos ficcionistas do passado, entre eles Mário Sette, lembrando também o notável Renato Carneiro Campos -, mas a vida desta cidade da segunda metade do século XX, com suas renovações e revoluções, ainda precisava de um toque da escrita moderna. Embora não sendo romancista - apesar da incursão no conto, quando escreveu "O noivo da mulher do padre" -, Geraldo Pereira cumpre de maneira admirável a tarefa de um escritor que faz a cidade se levantar com o brilho de uma metrópole, com ares de cidade provinciana, entre o ferro e o aço, materialista quase, rompendo com os últimos traços românticos e atirando-se na massificação dos costumes.

Na verdade, é nos seus cronistas que o Recife tem encontrado o que de mais verdadeiro - às vezes cruel, às vezes romântico - se pode escrever sobre a alma de uma cidade. Daí porque este livro pode ser lido como um romance, como um belo e inesquecível romance, onde desfilam as pessoas - ricas e pobres -, os prédios, as ruas, todos os seus melhores personagens, reconstruindo-se uma cidade que apaixona e que pede paixão de apache, na feliz expressão de Renato Carneiro Campos. Um Recife onde se pode surpreender uma "bucólica manhã esta de um domingo qualquer, em tudo tropical" e ao mesmo tempo encontrar a força do computador, confundindo-se a um tempo Recife, Inglaterra e Macau, misturando Jair e Jéssica, e um Geraldo perplexo com todo esse emaranhado.

Entre esses dois mundos, entre esses dois estranhos, esquisitos e maravilhosos mundos se coloca o cronista para dissecá-los com o poder da imaginação e da criação, de forma que o leitor possa de imediato respirar os ares de uma cidade que se perde no tempo, mas que, ao mesmo tempo, se recompõe na entusiasmante revolução tecnológica do começo do século XXI, que se anuncia encantador, embora confuso e fragmentado. É difícil, muito difícil encontrar esse equilíbrio - entrar no túnel do passado e se remeter ao futuro, sobretudo nesta "Saudade do Futuro", que vai encontrar Jéssica, em Macau, quando estava em busca de Jair, na Inglaterra. E que a perdeu de vista por causa da possível e imaginada interferência do marido ciumento. Não é mesmo, de

verdade, o capítulo de romance que se quer moderno, mais do que isso, um romance pós-moderno? Quem fez a confusão: o Recife antigo ou o Recife de agora? O Recife ciumento do século XX, ou o Recife liberto de amarras do século XXI?

A reflexão não é de todo inútil, se verificarmos a presença do escritor ainda ingênuo e inquieto diante de uma caneta, assim ao mesmo tempo confuso, adulto e perplexo, diante da agilidade, da rapidez e do avanço do computador, essa máquina que fascina e inquieta. E ainda mais: a necessidade de atender ao celular – aparelho inconveniente – durante uma reunião no Convento do Carmo, em Olinda, para constatar que a ligação era de Coruja, um antigo morador de sua rua. Geraldo percebeu-se, então, diante de novas constatações: atendera à chamara somente para olhar as delícias do mar em Olinda, romanticamente, e encontrara a voz de Coruja, nada mais, nada menos, do que o antigo vizinho.

Crônica inquietante aquela que trata da venda do Colégio Marista. Nunca fui marista, nunca estudei ali, entrei uma única vez no educandário para uma reunião que nada tinha de educativa. Fui aluno salesiano, interno - 60,61 – e externo – 62 -, além de arquidiocesano – 63. Mas a venda do prédio me irritou e me entristeceu muitíssimo. Houve um tempo em que fui músico – nada amador, músico profissional mesmo. Tacava sax-tenor no conjunto Os Tártaros, de presença muito marcante na vida artística da época. E para nossa sorte, o ensaio era na Associação do Ex-Aluno Marista, na Rua Gervásio Pires. Liguei-me, portanto, afetuosamente aos maristas. Mas distante, muito distante. No final das contas, não me entusiasmei por nada. Talvez pela rápida passagem no Arquidiocesano, onde conheci José Araújo, um amigo que permanece até hoje, com passagem ainda pelo conjunto, e a quem vejo pouco. Muito pouco. Pouquíssimo.

Além do mais, Geraldo Pereira, na verdade, traça um retrato muito forte das transformações sofridas pelo bairro da Boa Vista, tão importante e fundamental para o desenvolvimento empresarial e cultural da cidade do Recife. Sim, porque até a década de oitenta, nada se fazia que não passasse pelo bairro, repleto de grandes lojas, magníficos magazines, lojas de todo tipo, livrarias – havia livrarias poderosas a se espalhar sobretudo pelas ruas da Imperatriz e Hospício, e a feira anual da Prefeitura, instalada em barracas no Quem-Me-Quer, reunindo intelectuais, estudantes e curiosos. Às vezes com pouco lucro, ou, quem sabe, sem nenhum lucro, mas que dava à cidade ares de academia.

Quem quiser saber de tudo isso, com o sabor de uma cena romanesca, precisa ler “Uma geografia sentimental”, onde desfilam as notícias do centro da cidade – muitas vezes chamadas apenas de cidade. Tão importante aquele centro

que a denominação era apenas essa: a cidade. Daí o costume de se dizer simplesmente: “Vou à cidade”. Quase nunca “vou ao centro”. Toda a cidade estava ali, concentrada, com ruas largas e becos, ruelas e esquinas, reunindo todo o tipo de gente, até mesmo sobre as pontes, onde os mais jovens conversavam e brincavam com as pessoas que passavam apressadas para negócios. E onde até os cinemas atraíam centenas de pessoas, algumas delas vestidas de terno, os homens, de longos, as mulheres, num desfile de interminável elegância.

Muito bem. Aqui estamos, senhoras e senhores, não diante de um cronista, já de todo grandioso, mas de um romancista, que a partir de agora fica devendo seu retorno ao primeiro conto – ou à primeira novela – para nos presentear com um livro recheado de curiosidades e delícias. Geraldo Pereira é um escritor.

Raimundo Carrero é escritor.

Nascido e Criado

Sou nascido na guerra e criado no pós-guerra, educado sob todos os rigores desse tempo de uma pretensa recuperação das pessoas e das coisas. Passei uma infância deliciosa, de calças curtas ou de calção no quintal de casa, escalando os muros ou subindo nas árvores, nas velhas fruteiras da Boa Vista, nos limites com o bairro de Santo Amaro das Salinas, o Pombal, como dizia o mestre Paulo do Couto Malta, que pontificou na crônica. E se fui aluno do Grupo Escolar João Barbalho, fiz o agora desatualizado Exame de Admissão no Colégio Nóbrega, onde os jesuítas da antiga observância ditavam as regras e impunham as normas. Ali fiquei até o último ano do Curso Científico. Em 1963 entrei para a Faculdade de Medicina do Recife, no *Campus* universitário já! E no ano de todas as desavenças políticas – 1968 – coleí grau e comecei a vida. Só a partir da década de oitenta tornei-me o que hoje sou: um escritor bissexto! Reconheço que melhorei no estilo e no jeito, mas há muito a aprender ainda!

Na minha inquieta e conturbada adolescência, de tantos conflitos entre o bem e o mal ou entre os impulsos da carne e as contemplações do espírito, comecei a escrever e o fazia nos bancos da escola e na minha rua, onde circulava um jornal mimeografado. Usei neste último o cognome de *Arierep*, o inverso de meu sobrenome. Das aulas de Português, não posso esquecer da redação mais do que irreverente: *O Meu Enterro!* Fui castigado! E um zero redondo, com um ponto cravado no meio, ainda hoje ocupa o meu imaginário, buscando explicações para aquela morbidade emergente e em tudo funesta. Talvez, na minha condição quase perpetuada de penitente, a morte da matéria fosse a solução conveniente! Cantei em prosa as perdas todas da adolescência, os amores frustrados e as dores vividas, mas a minha mãe, que guardou tudo isso, nada mais encontra em seus alfarrábios! Perderam-se as minhas lembranças juvenis, as minhas primeiras marcas dos prantos silentes e do choro baixo, cochichado talvez, nessas lágrimas das privações d'alma.

Sempre ouvi de meu pai que tinha pendores para a palavra escrita e dele tomei as lições dos meus inícios: “Escreva sobre o cotidiano! O leitor gosta disso! Frases curtas e períodos pequenos!”. Fui acolhido no *Jornal*

do *Commercio* do Recife e na página *Opinião* venho publicando os meus textos, alguns que agradam e outros, por certo, que não agradam e imagino ter escrito acima de duas centenas de crônicas. Não guardo os meus artigos, mas a minha mãe cuida disso, em recortar e colar tudo o que sai. Mantém um "Livro de Recortes" com aquelas crônicas antigas, desaparecidas até. Escrevi um conto e reconheço que não fui bem sucedido: *O Noivo da Mulher do Padre*. Ninguém me falou desse episódio quase eclesiástico! Vou rabiscando outras crônicas por cá, com o auxílio da memória virtual, narrando histórias que vi e que ouvi. Confesso que abri um *Blog* na *Internet*, aliando-me àqueles que publicam no espaço virtual e assim vou me atualizando, saudoso do futuro, cujos rumos gostaria muito de acompanhar: www.blogdegeraldopereira.blogspot.com

É difícil selecionar das minhas contribuições as que mais gosto e por aqui novamente publicar, expondo as minhas emoções, os meus ganhos e as minhas perdas, pois trago o rasgo das saudades e das lembranças em meus escritos. Vou resgatando pretéritos e fazendo do meu ontem a ilusão do hoje, do aqui e do agora, sonhando, permitindo ao espírito vivenciar devaneios! Vivências que se foram encantadas pra trás, mas que deixaram o efêmero da felicidade e o fugaz do enlevo! Nada me é mais agradável na vida que o ato de escrever, de forjar as palavras nascidas dos meus sentimentos, de construir frases e aprontar os períodos, rebuscando o texto e revendo o pensamento. E se nas páginas venho saindo com frequência nem sempre constante, completa-me a sensação de plenitude ter os meus artigos publicados no jornal à mão de toda gente. Aquele vendedor de peixe que embrulhava o seu produto – uma cioba bem cuidada –, com o fruto do meu trabalho intelectual, fez o meu coração experimentar a dor do desprezo: “Não faça isso, não me reduza ao papel que envolve a mercadoria de sua venda!” Disse-lhe, doído e sofrido!

De outra feita, quando na cidade de Olinda já estava pronto para fazer o pagamento de um pequeno jarro de cerâmica, notei que o material usado para acomodar a peça trazia um dos meus momentos de inspiração: um artigo. Não hesitei: “Meu senhor! Sabe o que custa escrever isso aqui? Primeiro chega a vontade, o desejo de transbordar o coração e só depois a materialidade do ato, isto é, o abraçar das letras e dos vocábulos, tudo sob o comando do bem maior: o sentimento!”. O vendedor teve uma resposta

pronta: “Desculpe! Foi o senhor quem escreveu?” E tirou dali a folha de jornal, mas retruquei de logo: “Melhor que a leve eu, o autor do texto e o ator desses cenários que ai estão, compondo o grande espetáculo de minha vida!” E terminei chegando em casa com o jarro comprado e a crônica devolvida. Mas, há passagens interessantes depois que a parição da inspiração vai a público e expõe a emoção, uma alegria ou uma tristeza, um ganho ou uma perda, saudades sentidas e lembranças quase vividas, revividas então. Alusões ao pensamento e aos fatos, às vivências e às convivências, coincidências, por vezes, da vida de quem escreve com a vida de quem se ocupa em ler!

Na praia, em seu biquíni verde, a senhora quarentona ou cinquentona já, levantou-se rápido e verbalizou as reflexões de seu imaginário: “Você escreve pra mim? A última de suas crônicas falava de inquietações que são as minhas, exatamente!” Fiquei de tal forma orgulhoso, vaidoso, que dei a mais banal de todas as respostas: “Escrevo para todos os meus leitores!” Na realidade, quem exercita este sagrado mister – o de escrever –, o faz porque precisa extravasar sentimentos, registrar, no monitor virtual ou no papel de todas as realidades, o que sente ou que sentiu! Dessa forma, senta e vai pressionando as teclas segundo os desejos, reunindo caracteres inventados pelo homem para o registro gráfico dos amores e dos desamores, das alegrias e das raivas, dos ódios até, mas sobretudo das saudades e das distâncias. Foi para isso que se inventou a palavra, para romper isolamentos e separações! Viajar nos ares da imaginação!

Por isso escrevo, para registrar as minhas horas no existir terreno, os meus sentimentos entusiasmados e as minhas alegrias, mas especialmente para transbordar ocasiões nas quais a tristeza me invade e me faz apático ou me faz inseguro e perplexo, diante das interrogações do meu ontem e do meu agora, do meu amanhã especialmente. Escrevo porque sou um homem povoado pelas saudades, ocupado com as recordações e voltado para as lembranças, capaz de preencher o imaginário com as antigas e nunca desgastadas películas do pretérito, retomando momentos e resgatando minutos do efêmero que é a felicidade. Não tenho no coração o ódio para mostrar e não guardo desgostos, mesmo que o sofrimento seja grande e o aviltamento tenha a força da chaga perpetrada. Vou

ultrapassando as invejas de quem renega do semelhante as iniciativas, os textos e as falas.

E juntei por aqui algumas das minhas crônicas, meus artigos e meus escritos, nascidos do coração, para os que gostam dessa forma de ser e de não ter! Ao leitor, de cuja generosidade sou devedor, cumpre fazer a crítica: gostar ou não gostar. Identificar-se, talvez, com passagens de um existir terreno que vai se alargando mais e mais, não somente porque os anos correram céleres na contabilidade do tempo, mas principalmente porque há uma experiência acumulada de ganhos e de perdas. Ou não se identificar, porque cada qual cumpre o seu papel neste delicioso banquete da vida.

Uma Geografia Sentimental

As coisas no Recife mudaram completamente nos últimos 40 anos e a minha geração, sessentona já, assistiu a tudo isso. A vida é assim! As transformações se materializam ao longo das décadas, fazendo com que os mais velhos tenham lembranças que os jovens sorriem e se justificam: “Seu tempo era outro!” Novos hábitos e novos costumes estão por aí, no cotidiano da cidade, levando a gente contemporânea a convívios diferenciados. Há uma liberdade exagerada, parece, sobretudo dentre os que emergem para o exercício da existência humana. O trabalho quase não existe e se o cidadão consegue engajar-se no mercado há muita diferença agora, a máquina vai se ocupando das rotinas, a competência tem prioridade sobre tudo e sobre todos, influenciando as formas de absorção da mão-de-obra.

Os cinemas de antes fecharam as portas, em maioria, mesmo com a resistência hercúlea do São Luiz, cuja frequência não se compara ao ontem do século que se foi. Os *shoppings* levaram para bairros finos as casas de exibição e promovem as estréias mais importantes. O comércio, igualmente, deixou o centro urbano e as lojas integram os condomínios dessas modernas construções coletivas, onde se vende do alfinete aos veículos motorizados. Na Imperatriz e na rua Nova, por mais esforço que haja dos proprietários, é rara a presença das pessoas de classe média. Não há o lanche gostoso, apetitoso até, da Confeitaria Confiança, cujo sanduíche de queijo prensado no pão de caixa fez sucesso no pretérito. A sorveteria *Gemba* encantou-se pra trás e os sabores tornaram-se industrializados, nunca assemelhados àqueles. Os médicos e os dentistas dispersaram-se nos bairros nobres, saíram de seus consultórios centrais, na avenida Guararapes tantos ou na avenida Conde da Boa Vista muitos..

Ninguém deseja mais residir em casas com jardins e quintais repletos de fruteiras. O cajá, o caju, a pinha, a manga, o jambo e o sapoti são produtos expostos nos supermercados. Eram presenteados outrora, de um vizinho a outro. Proliferam os prédios enormes, de altura que superam em muito a do arranha-céu da pracinha ou a do Edifício Capibaribe, na Aurora. Acabaram-se as mercearias das esquinas e uma das últimas, vencida pelo afastamento da freguesia, sofreu a metamorfose dos tempos, virou restaurante de bom tempero. O cuidadoso dono guardou por lá sacos de feijão, de arroz e de açúcar, reavendo assim um passando gostoso.

Nesses estabelecimentos, tantas vezes vizinhos das farmácias, os aposentados e outros menos ocupados fiavam conversas em fins de tarde. Traziam o pão da ceia e a manteiga de boa procedência. O ovo era recolhido no terreiro, de uma galinha poedeira qualquer e frito na banha de porco.

Sentava nos bares o povo simples e os remediados da sorte raramente tomavam bebidas alcoólicas, senão nos aniversários ou nos assustados, nas festas de fim de ano e na folia de Momo. E se eram adeptos das noitadas, restringiam-se ao bom *whisky*, raramente ultrapassando os limites da sobriedade. O mestre Jordão Emerenciano, monarquista convicto, tinha gosto com essas festas e por lá andavam o meu pai, além do geógrafo Gilberto Osório de Andrade e mais alguns da sociedade da época. Juntavam-se para fiar conversa, enquanto a hora avançava nos relógios. Havia quem dançasse e quem não dançasse, saraus deliciosos que ficaram na memória e até uma confraria foi criada, com o nome de Ordem do Chocalho de Ouro, numa justa homenagem ao apetrecho usado por bodes e cabras nos agrestes. Cada um tinha o seu instrumento e o trazia atado ao pescoço, como se fosse uma medalha.

As quermesses e as comemorações das paróquias preenchiam o lazer em alguns meses do ano. Os carrosséis, os jogos de azar e o tiro ao alvo faziam a festa. Vez ou outra um conhaque para animar o cidadão menino. Flertes e muita conversa pra cima das meninas, moçoilas em flor, disponíveis para um beijo roubado ou um abraço furtivo. Namoros nascidos assim, em plena fuzarca, uns prosperando ainda hoje em sólidos casamentos e outros que ficaram pra trás. Filhos grandes já, casados ou não, mas com perspectivas de agradáveis futuros. Ninguém antecipa o que será de uma criança aos dez anos de idade, dizia-se em filme que assisti numa volta da França, onde havia deixado a primogênita. Graças a Deus voltou às origens e hoje pontifica em doutorado voltado à Antropologia Cultural. Que beleza! Nunca pensei nisso!

Eis a minha geografia sentimental!

** Artigo publicado depois de uma visita à filha mais velha (Fabiana) em Paris, em sua primeira estadia fora do Brasil. Hoje está casada com um espanhol – Gonzalo Herraz – e reside nas cercanias de Madrid.*

O Rio Ninando o Recife

Fazia muitos anos que não entrava no cinema São Luiz, que não me sentava em suas poltronas e olhava os grandes vitrais que adornam o entorno do palco, que não apreciava a tapeçaria que decora as paredes da tenda real, na qual se converte a platéia, como descreveu Kleber Mendonça Filho, a partir do convite de inauguração. Tudo está lá, íntegro ou quase íntegro, precisando de alguns cuidados – é claro – de um reparo aqui e de outro acolá, de uma restauração localizada por cá e outra por lá. Mas nada que chegue para resgatar o brilho de uma sala que encantou gerações, que deu graça ao Recife, que encheu de rapazes e moças a rua da Aurora, que aproximou corações, que uniu e desuniu tanta gente. Há um requinte presente ainda em cada detalhe, desde a entrada, onde um painel de Lula Cardoso Ayres engrandece o lugar, carente – quem sabe? – de uma atenção a mais, com uma proteção que resguarda a obra.

O Sr. Pedro Pinheiro, gerente de programação da empresa, que nos acompanhou e nos guiou o tempo todo, teve a sensibilidade de nos levar – o Conselho Estadual de Cultura – a uma intimidade que alguns não conheciam. Vimos a sala reservada às projeções, na qual foi possível examinar o projetor e o sistema de som e sobretudo destacar os enormes carretéis nos quais deslizam os rolos de celulóide. Depois, fomos à suíte do cinema, um apartamento pequeno, um quitinete talvez, onde podiam se hospedar representantes da gerência geral da instituição. Foi uma manhã magnífica – têm sido assim as minhas manhãs no Conselho –, com um pingo de saudades brotando da minha intimidade. E eu que pensava ter vencido as minhas saudades?

Saudades dos tempos do Nóbrega, onde se driblava as mangueiras do campo de futebol, como está em depoimento de Luiz Otávio, à entrada mesmo do cinema e de onde se vinha para assistir o filme em cartaz no São Luiz. Numa das vezes, era menino, nos meus 15 ou 16 anos, não resisti à tentação e gazei a aula para ver Brigitte Bardot, musa dos meus anos de adolescente, tão velha agora, magérrima em sua rebelde maturidade. Diversas vezes entrei com o meu único paletó – uma peça esportiva confeccionada para uma viagem à Natal –, jogando a roupa da sacada para que um amigo qualquer também entrasse. Quase posso dizer

que na visita pude rever os meus filmes do ontem, os amores e os desamores que a telona mostrava e a platéia parecia repetir as aventuras dos heróis e as desventuras de outros personagens.

O vereador Luiz Helvécio está mais do que atento à situação do São Luiz, vigilante como tem sido com as coisas do Recife. Liberato Costa Junior, um ícone da política como é tratado, da mesma forma e Pedro Eugênio, deputado federal, igualmente. Conta muito a disposição da empresa em manter a casa com a destinação original e principalmente conta o fato da Câmara Municipal ter aprovado uma lei de incentivo, dispensando o cinema do pagamento do IPTU, além do que diminuindo a alíquota do ISS. Resta ao Prefeito sancionar o diploma legal, dando à sala uma ocupação diferenciada, porque inclusiva, haja vista a possibilidade de professores e alunos freqüentarem as sessões sem desembolso algum. Essa é uma forma de socializar a arte e de fomentar a reflexão a partir dos enredos, ampliando o saber curricular.

Há crianças, como aquelas pertencentes aos segmentos excluídos, que nunca entraram numa sala de projeção, que nunca viram o desenrolar de uma trama, que ignoram seja possível levar à tela cenas do cotidiano e com isso estimular o processo reflexivo de cada uma. Ou, existem crianças que não exercitam o imaginário. Como me fizeram bem os desenhos animados de outrora! Como fiquei satisfeito com as aventuras que assisti! E a meninada dos morros não tem acesso a nada disso, brincam nas ruelas da favela com um revólver que cospe chumbo. É a realidade ocupando o espaço da fantasia, como mostra Maria Rita Kehl, em *Falcões de Asas Quebradas*.

E lá de cima, no terceiro andar do prédio, a vista permite enxergar o rio correndo manso. É o rio ninando o Recife, de Mauro Mota. Que o rio possa continuar ninando especialmente o São Luiz!

** Artigo escrito após uma visita ao cinema São Luiz, integrando o Conselho Estadual de Cultura. A sala hoje está sob a égide da Associação de Ensino Superior de Olinda (AESO) e deve manter a sua destinação original.*

Um Recife do Antes

Eu conheci o Recife dos meados do século XX! De sobrados e casarões, de terreiros enormes nos quais frutificavam mangueiras de saborosas mangas, jambeiros de copas largas e touceiras da melhor banana, onde se criava a galinha gorda e poedeira ou o caranguejo cevado em velhos garajaus. O Recife de ruas e de ruelas, das famílias reunidas nas calçadas fiando conversa; das novas avenidas servindo de passarela à juventude em flor, nas incursões vespertinas ao centro da cidade, para o *footing* de que falavam os antigos ou para um filme qualquer nos cinemas das elites. Da beira bem cuidada do rio, bem acabada em longas muretas de cimento, de pronto apelidadas de Quem-me-Quer, nas quais sentavam moçoilas casadoiras para um flerte noturno com os estudantes do secundário, alunos do Nóbrega ou do Marista, do Salesiano ou do Padre Felix.

Um Recife dos bondes cortando os caminhos, pra lá e pra cá, levando a gente trabalhadora ou trazendo de volta meninos e meninas do grupo escolar. Dos ônibus da Pernambuco Autoviária Ltda, devidamente, equipados com rádios de comunicação, para perplexidade geral e irrestrita dos passageiros da época. Dos automóveis importados da granfinagem, conduzindo o pai e a mãe, os filhos também, além da avó e das tias solteironas às compras na Imperatriz ou na rua Nova. Das bicicletas e das motocicletas, as primeiras reservadas ao proletariado e as outras à distração de burgueses convencidos. Das carroças de cavalo sujando os passeios, às vezes adaptadas pelos mascates à venda diversificada das miudezas de casa, anunciadas pela barulhenta matraca dos agrados da irreverente garotada.

Cidade das mercearias espalhadas em cada rua, expondo mercadorias da cozinha regional, cobradas ao final de cada mês, conforme as anotações em caderneta apropriada e para tanto destinada, de capa dura nos começos, mas de espiral e bom papel, em seguida. O feijão e a farinha, o arroz e a carne de charque, o bacalhau de que se serviam os pobres e o fígado de alemão com igual destinação social. De farmácias que davam plantão e se prestavam também aos encontros de fim de tarde da gente de terceira idade, velhos que não eram velhos. De antigos telefones no fundo desses

estabelecimentos, com um bocal muito grande e muito largo, no qual o interlocutor gritava, a plenos pulmões, as sentenças da ira ou as manifestações dos amores, enquanto a assistência de ocasião ouvia e cortava a seda da hora.

Lugar de brincadeiras preenchendo as manhãs e enchendo as tardes, peladas no calçamento, com bola de meia, tantas vezes ou com o produto mais moderno, popularizado, então, de borracha ou de couro. Barra-bandeira e pega-soltou, academia e bola de gude, a pipa solta no ares, com o nome de papagaio, como se chamava naqueles antanhos, distantes anos do lúdico no silêncio do esconde-esconde ou na lamuriosa loa: “De marré, marré, marre/Eu sou pobre, pobre, pobre De marré decê .../De marré, marré, marre/Dou o ofício de (nome do ofício)/De marré decê ...” O velocípede antecipando os dias e a patinete alvoroçando os outros, os patins de rolimã deslizando nas calçadas e fazendo um ruído de ensurdecer as avós inquietas e as tias impacientes com as peraltices infantis. A bicicleta de boa marca chegando como prêmio, contrapedal ou com os freios de mão ajustados à altura das rodas e das jantes.

Recanto de outros encantos, de moças passando e passeando, na ida para o colégio ou na volta das aulas e dos recreios, deixando nos ares um rabo de olho qualquer, incendiando corações ou acendendo a fogueira das paixões. Rapazes imberbes quase, nos ritos e nas liturgias das iniciações e dos amores. Casais de mãos dadas ou enlaçados, nunca inteiramente abraçados, ósculos roubados nos carroceis dos ares. Dores, tantas vezes, nas feridas das rupturas. Lágrimas verdes ou azuis, para usar a linguagem de Gustavo Trindade Henriques, de tonalidade castanha ou de cor mais fechada, o preto. Lágrimas sem cor, descoradas, na verdade, pelas decepções. Prantos contidos e os choros convulsos!

Eu conheci o Recife dos meados do século XX!

Paz e Amor

O meu Natal - confesso de logo - começou muitíssimo bem. Recebi no amanhecer do dia 24 de dezembro um cartão de festas de um dos pernambucanos mais ilustres, ex-prefeito desta cidade em que esteve Mauricio de Nassau: o mestre Pelópidas Silveira. Em anexo aos votos de felicidade e de paz, o antigo burgomestre mandou cópia da mensagem enviada ao tempo em que exerceu a gerência da municipalidade. Salta aos olhos nesta cópia a preocupação social do alcaide naquele ano tão distante agora (1963), invocando a figura central do maior episódio da cristandade e exortando os homens de boa vontade a reverenciarem quem: "... não se deteve ante os fanáticos, os retrógrados, os intolerantes...". Lembra ainda aos munícipes de então que a criança nascida na manjedoura sagrada, sonhou com uma existência digna para cada um dos cidadãos. Só o gesto valeu pelo fim de ano inteiro! Muita atenção esta!

A música Gilberto Gil, *Domingo no Parque*, foi a cantata com a qual se identificaram os meninos de Vila Velha, para uma performance que representou o ponto alto de meu café da manhã na Ilha de Itamaracá, na véspera de Natal. Isso no atelier Arte Menina, de Dona Rosa Maria. Identificaram-se, talvez, pela dura realidade em que vivem naquele recanto histórico, berço da brasilidade e começos da pátria. Um enredo agressivo entre dois amigos – José e João –, um feirante e outro empregado na construção, ambos apaixonados por Juliana. Um mais da brincadeira e outro de muita confusão. Num final de semana se encontraram no parque e a moça faz a opção definitiva, prefere o João, aquele da confusão. E José inconformado mata os dois. O resultado, porém é este: "Amanhã não tem feira – é José/Não tem mais construção – é João/Não tem mais brincadeira – é José/Não tem mais confusão – é João...".

É assim, com a violência ninguém ganha, nem os que morrem e tampouco os que matam. Se o criminoso é de bom caráter e fez isso movido pela impulsividade ou por outro motivo, sem o tempo necessário à reflexão, a consciência acaba com a vida do penitente, porque vai martelar o dia todo com as pancadas do remorso. Mas, se caráter não tem – valha-me Deus! – faz e repete. Mata pai e mata mãe, mata irmão e mata vizinho, só não mata quem está longe, distante de seu alcance. No caso da letra bem

cuidada dessa música, o José era boa gente, mas não suporta a desilusão do amor, enfurecendo-se e fazendo a desgraça de toda gente, de si e dos outros. Fez a besteira de se armar em casa com uma faca e assim precipitou a morte! Tomara que os meninos tenham absorvido a lição com a dança que apresentaram, com um João se insinuando para uma sensual Juliana e o José cabreiro, perdedor.

Mas, daquele café eu trouxe outras lições. Ouvi declarações de amor que ultrapassaram a simplicidade da troca de presentes. Exemplo disso foram as palavras de Wagner Carvalho, um resiliente, verdadeiramente, no meio em que vive e mais do que isso, uma prova, mais do que inequívoca, do papel da família na formação das pessoas. O rapaz, nascido e criado na periferia do Recife, integra uma prole diferenciada, com uma mãe dedicada e com uma avó que há pouco se encantou no infinito das coisas. Duas referências fundamentais em sua vida. E vai por aí, estagiando em órgão público, às portas da formatura, forjando-se como cidadão nesta terra de tantas interrogações sociais. Falou da adoção agora de uma nova avó, a Dona Adelma França, porque precisa mesmo de uma figura forte, de um referencial em sua vida. Uma outra avó!

E se o meu Natal foi assim, tão bom e tão gostoso, tornou-se mais emocionante ainda, quando soube da iniciativa do sogro espanhol de minha filha mais velha – Armando Herraz –, deixando uma vela acesa na mesa e uma cadeira vazia em seu jantar da meia-noite. Símbolos, ambos, de nossa ausência numa quase presença dessa afetuosa evocação.

Paz e amor a todos os homens de boa vontade!

** Crônica de um Natal que passou (2006), descrição das cenas de um café da manhã*

Manhã de Domingo

Bucólica manhã esta de um domingo qualquer, em tudo tropical. Mês de maio, mês das noivas, das mães e dos ventos, dos terços e das novenas. Velhas fruteiras do Rosarinho, mangueiras antigas de boas mangas, jambeiros e oitizeiros que se juntam e abrem os galhos em sincrônicos movimentos das despedidas medidas, nunca pedidas, de um final de semana gostoso, saboroso até. Na minúscula praça em frente os peões da construção estão fiando conversa, matando o tempo do lazer fora de casa. Ocupam os três únicos bancos, mas cedem lugar à figurante feminina que chega, se aconchega e vem compor a cena desse espetáculo sem roteiros. De longos cabelos pretos, estirados e viçosos, penteados a óleo, faz as vezes de interprete da sedução nessa encenação de ocasião. O moço que passa com a gaiola na mão aprisiona sonhos ou vai encarcerando devaneios e assim, com o imaginário contido, restringe as fantasias e inibe as divagações.

O vagabundo aproxima-se da praça a passos lentos, como se estivesse calculando distâncias, mesmo conhecendo na palma da mão esses entornos. Escolheu um dos bancos e estendeu no encosto o paletó surrado, sentando-se em seguida, não sem antes acomodar ao seu lado a caixa de leite cheia de revistas. Deslocou, então, um dos peões que assim fiavam conversa! Abriu uma dessas e passou rapidamente as páginas, detendo-se, aqui e ali, numa foto qualquer, sem que lhe importassem os textos. Retratos da sensualidade feminina à vista de um homem como outro qualquer, diferenciado, apenas, pela condição humilhante do analfabetismo, que impede a cidadania. O cão ajeitou-se no chão, abriu a boca preguiçoso, fechou as pálpebras jurando fidelidade que tantos não conhecem e quase ronca. O passante, que empurrava a carroça repleta de latinhas usadas, com o filho a lhe ajudar no ofício, decidiu parar e descansar. Tirar um deforete, diriam os antigos!

Cumprimentaram-se e um diálogo nasceu! O nômade falava e gesticulava, argumentando com segurança, explicando as suas idéias e os seus ideais, talvez. O interlocutor de ocasião retrucava o quanto podia, discordando do pensamento alheio. A criança, absorta, acompanhava os dois na conversa, sem compreender bem de que falavam e o que discutiam.

Não houve acordo e o moço forasteiro se alevantou, virou-se para o menino e fez o gesto universal, tocando a têmpera com o indicador da mão direita: “É doido!” E seguiu em frente, voltou à faina da reciclagem do alumínio, garantindo a fêria. Outra vez o homem errante abriu uma revista, folheou com a mesma rapidez e se deteve na visão da nudez! O menino de rua, cheirando cola quase senta no banco, não fossem os latidos do cachorro. O cavalo que passou pachorrento, como cabe ser aos eqüídeos, nem ligou para os dois, mas por pouco não provocou um acidente grave, não fosse a precisão dos freios.

O prédio em frente vai se compondo aos poucos, tijolo por tijolo, parede por parede e andar por andar. Acolhe no quarto pavimento os peões do interior, tangidos da cana-de-açúcar, largados da bagaceira. Em baixo, o vigia vem atender à porta a mulher que bate e toca a sineta. É a esposa a conferir destinos? Não se abraçam e nem se tocam, não há afagos e nem afetos, somente a troca de palavras, que se tornam inaudíveis nos ares da rua. No edifício ao lado a festa já começou, os músicos tocam saudosos acordes de orquestras românticas, mas fazem em seguida outra opção. Há uma cantora entre os presentes, mulher cinquentona, como parece, a entoar “Bandeira branca/Amor/Eu quero mais/Pela saudade...”, para depois preencher o mundo com a maviosa letra que Nelson Gonçalves consagrou: “Minha normalista linda/Rapidamente conquista/Meu coração sem amor...” Resgate, por certo, de perdidos e já encantados tempos!

E a hora vai passando, porque o tempo não pára, sequer em momentos assim, de enlevo d’alma! Os ponteiros se abraçam e despedem a manhã, comemoram o nascer da tarde e anunciam que a noite vai chegar e outro dia surgirá, recomeçando o tudo. O doidinho da rua há de voltar e declamar a agourenta rima, para desespero dos peões: “Se você cair!/Não vai se ferir!/Nem ficar em pedaços!/Estarei aqui para segurá-lo nos braços!” Ouvirá o que não quer e outra vez gritará a plenos pulmões: “Se você cair!...”

** Inspirações paridas em certas manhãs de domingo. Cenas que foram vistas da varanda de casa em momentos distintos, em mais de um final de semana.*

A Parição da Tarde

Bucólica manhã esta, a de um domingo qualquer em tudo tropical. Ruas desertas de gente, sossegadas e silentes, como se o descanso se estendesse também ao inanimado urbano ou como se a brutalidade do concreto vergasse diante do bem maior: o dia do Senhor. Sentado em cadeira branca de plástico, sobre a laje de entrada da construção, o operário olha a avenida, preenche o tempo do ócio da prática que exercita, a de vigiar a massa de pedra e cal que ajudou a erguer, reunindo apartamentos nos quais hão de morar os remediados da sorte e os burgueses empedernidos. Durante a semana vai sentando tijolo sobre tijolo, depois reveste com a massa fina e bem cuidada parede por parede, sabendo que jamais poderá ser acolhido ali, naqueles cômodos. Estará condenado, sempre, às periferias insalubres ou aos distantes e sofridos rincões rurais. E já existem as periferias das periferias.

O casal de idosos que chegou foi visitar uma das unidades, o chamado apartamento decorado, nunca inteiramente pronto. O operário levantou-se de sua tediosa pousada e acompanhou a dupla, passo por passo, com a lentidão da velhice. A boa idade, dizem alguns escondendo as perdas, a falência do viço e a morte da beleza. O homem usava uma bengala para se apoiar, resgatando histórias ou estórias da infância, adivinhações da tia velha: “O que é? O que é? De manhã anda de quatro! À tarde anda de dois! E à noite anda de três!” A meninada já sabia de cor e salteado que era forma metafórica que a tia Deolinda aprendera para representar a criatura e as suas fases de vida, o engatinhar e a maturidade, em seguida a debacle. Mulher sofrida – a minha tia –, nunca casara e assim, vitalina como ficara, guardava nas lembranças a imagem do noivo morto na guerra. Guerra! Sempre guerra!

Os sanhaços voaram de uma árvore à outra, a fêmea à frente, como cabe ser e o macho atrás, na protetora atitude. Pareciam bólidos da paz, tal a velocidade que alcançaram e tal o formato de corpo que assumiram. Duas flechas quase, que sob os acordes matinais singraram os ares da rua. Do outro lado pousaram e à sonoridade aguda de uma musicalidade sem par ensaiavam o corruchiar das proximidades, formas carinhosas de seduzir que os homens parecem ter perdido. Não precisam mais. Os

parceiros se oferecem, nos bares e nas ruas. Ninguém passa mais anos e anos andando de mãos dadas, roubando um beijo aqui e outro acolá, alhures também! Agora, é diferente: fica-se. E ninguém sabe direito o que é isso, sendo natural imaginar que não se trata de amor e que não pode ser paixão desesperada, a qual inquieta por algum tempo! Dantes esses contactos demoravam anos para a completude. Era melhor? Talvez sim!

E o operário voltou a seu canto, trouxe um papel branco e abriu com todo o cuidado, leu e releu, entendeu, certamente. Ligou o radinho de pilha e sintonizou na emissora que transmitia uma toada das saudades. Seria uma carta de quem ficou para trás? Largada nos caminhos? Não sei! Essas manifestações do espírito, que no passado preenchiam os claros das aproximações, estão fadadas a desaparecerem, o computador e a rede vão condenando a forma epistolar de se expressar à simplicidade dos *e-mails*. Não se gasta mais tinta com declarações, pior com as rupturas. Fica-se e deixa-se, nada mais! Os namoros são virtuais, permitem às fantasias enfeitarem a imaginação alheia com adornos ou contornos que não existem, quando a realidade chega tudo muda e a vida cai no cotidiano repetitivo de todos os dias.

Na moradia ao lado a senhora está só. Mesmo assim vestiu-se com uma blusa da cor da mostarda e uma saia preta, bem preta. Ficou bonita! Arrumada como estava desceu os andares e tomou o carro, saiu a passeio. Onde estará o companheiro? Difícil responder! Brigaram? Desentenderam-se? Viajou? Ninguém sabe! Ninguém viu! Mas, voltou logo, já saiu contando as horas, ao que parece, como diria Gonzaga, se vivo estivesse e se por cá viesse. Está um pouco mais gorda que o habitual, nos braços, sobretudo. Há vinte anos se poderia dizer que vive a felicidade a dois, mas hoje, infelizmente, os enlevos d'alma estão reservados às magras, caquéticas e mal nutridas figuras. O diabo é quem gosta! Trocou de roupa e sumiu, foi dormir. Agora, só vai aparecer à janela quando a noite chegar.

E a manhã se esvaiu, pariu a tarde!

** Momento de inspiração à varanda de casa, olhando em frente o operário que tomava conta do prédio em construção. Servia de vendedor em todas as suas horas vagas, no ócio da profissão de vigia.*

Vizinha Maravilhosa

O nosso cronista maior, Luiz Fernando Veríssimo, uma das penas mais lúcidas e mais saborosas do Brasil – Não se usa mais pena. Que pena! –, escreveu um artigo que leio em página da Internet: *Uma Vizinha Maravilhosa*. Falava de certa moradora há pouco chegada no bairro e que passou a ocupar apartamento em frente ao seu. Uma mulher, como explica, que existe e não existe. Em outras palavras, para o escritor o cotidiano passa a ser uma mescla da realidade e da ficção, quando expresso no papel ou como se costuma fazer hoje, quando materializado no écran do computador.

A partir daí assumi a condição de observador do meu entorno, sem desejar encontrar gente maravilhosa, mas interessado nessas rotinas domésticas, sobretudo aquelas dos finais de semana, nos quais há surpresas e fugas do repetitivo de todos os dias. Talvez os sábados e os domingos tenham mais utilidade do que as manhãs, as tardes e as noites dos dias considerados úteis, à exceção do que se assiste nos canais de televisão do Brasil. Não importa imaginar, como Veríssimo, que a penitente faz tudo em função do vizinho mais antigo. Como na crônica do mestre, entretanto, ela existe e não existe, tudo ao mesmo tempo.

Em prédio do tipo caixão, no segundo andar, depois de dois lances de escada, chega pelas seis da noite em geral, uma criatura de seus quarenta anos. Mora só, como já notei, mas muito raramente traz uma companhia masculina, jovem, bem mais novo que ela, cujo papel nos feriados é o de transitar em casa vestido em trajes menores. Abre as janelas todas, como se precisasse de ar e vai ao banho. Sai do chuveiro às carreiras, com uma toalha enrolando a cabeça. Mulher bonita tem isso, envolve-se dessa maneira e deixa o resto a descoberto. Veste-se com uma camisola azul e vai assistir aos programas da telinha.

Vez ou outra desce e fica em frente ao edifício esperando alguém. Não se pode divisar bem se o acompanhante de ocasião é o menino ou se não é. Parece não ser! Passeia, vai aos bares mais badalados ou assiste aos filmes em cartaz, mas cuida em voltar logo, pelas dez no máximo, pois amanhã é dia de branco, imagino. Cumpre o ritual de sempre e cai nos braços de Morpheu. O estado civil não se consegue revelar nesses

contactos quase virtuais, mas por certo é separada, sem filhos de um casamento efêmero, fortuito ou de um marido que não lhe soube apreciar os dotes físicos e intelectuais.

É do tipo pícnico, segundo Lombroso, que teria uma paixão fulminante, se vivo fosse e por cá viesse. Baixinha e um tanto gorducha, cheinha melhor diria, com destaque para um busto bem sucedido e as cadeiras alargadas, como cumpre ser mesmo. Há pouco acrescentou umas gramas a mais e com certeza faz regime para reaver o tempo. Cuidadosa com a pele, passa cremes e mais cremes no corpo, na face e nos braços, mas dedica-se à manutenção de sua performance glandular, fazendo movimentos circulares no tórax, sempre. É fácil notar que usa condicionador do bom, importado, quiçá.

Nos feriados, nunca dispensa a música mais antiga, as de Nelson Gonçalves, especialmente. E Dolores Sierra ganha os ares da rua e todos já sabem, até as crianças, que nascida em Salamanca cumpriu a rudeza da vida na beira do cais, em Barcelona, como tantas que vi. Há até quem brinque e indague: “Onde nasceu Dolores Sierra?”. Toda gente conhece a resposta! Ao que parece, sente falta do pai, porque não deixa de ouvir uma letra a propósito dessas ausências sofridas, com certeza, na orfandade: “Naquela mesa/Está faltando ele/E a saudade dele/Está doendo em mim/...”. Dói mesmo! E como dói!

Toma uma cerveja em lata, cuja marca não se identifica à distância, depois dorme como uma justa diante do Criador e só acorda pelas cinco ou seis horas. Perde o sono da noite, porque com o passar dos anos o travesseiro fica ingrato, cansado, talvez, de acolher e acalantar. Por isso, arruma o guarda-roupa e nunca vi tanta peça de vestuário sendo posta e repostada ou exposta nos cabides e nas gavetas. Há lugar pra tudo, como penso, para aquelas de maior luxo e as de seu cotidiano. Quando termina a noite vai alta e não existe opção diferente do simplesmente deitar e dormir ou madornar, como dizia minha tia velha.

E assim vai. Existe e não existe!

Os Meus Enganos

Há coisas que acontecem comigo que o diabo duvida de costas, em noite de sexta-feira treze! São ligações telefônicas erradas, recebidas ou discadas ou são anotações de agenda trocadas na minha cabeça. Foi assim que compareci ao casamento de amiga minha, marcado para um dezenove qualquer do ano, sete dias antes e nada ou quase nada encontrei na igreja. Indaguei do flanelinha em bom português se havia por ali um enlace matrimonial e o menino, ávido pelo trocado que não chegou a receber, de pronto confirmou. Não perguntei pelo nome da noiva, porque quem toma conta de carro ignora esses detalhes, faz o seu papel no teatro da vida e nada mais. Entrei e havia pouca gente no templo, pessoas concentradas no meio dos bancos, em torno de um bebê. Era um batizado, na verdade e eu dei com os burros n'água!

Pior com o velório! É que morreu um homônimo de uma pessoa que conheço há muitos anos, da qual me afastei pelas circunstâncias do existir e não tive dúvidas, vesti o paletó, apertei a gravata e parti em direção ao cemitério considerado, também, um parque e que de parque nada tem. Identifiquei o lugar no qual se fazia o ritual da finitude e cumprimentei a todos. Não havia um conhecido que fosse! Notei uma certa estranheza, como se estivesse completamente fora do contexto e estava. Olhei para o homem largado à própria sorte e observei que usara bigode em vida, característica ausente no meu ilustre amigo. Do celular, mesmo, contei à minha dedicada secretária o impasse. Ouvi a recomendação necessária: “Volte! Ele nunca usou bigode!” Para a família, restou a perplexidade. Afinal, eu nunca tinha visto o pobre do defunto!

Mas, durante uma reunião em Olinda, no convento do Carmo, tocou o telefone. Nunca atendo esse equipamento quando me ocupo. A oportunidade, porém, de ir à janela e dali apreciar o mar, para mim foi uma tentação irresistível. O interlocutor, então, se apresentou: “É Valter!” Há quem pense no prenome como uma identificação definitiva, como se fosse o único no mundo com aquela nomeação. Fiz um esforço de memória, associando a voz com o nome, mas foi debalde. E ele: “Você não está me reconhecendo?” Respondi com todo cuidado: “Estou começando a reconhecer! Aos poucos saberei de quem se trata!” Ai, complementou:

“Sobrinho do finado Wilson!” Piorou tudo, inibiu todas as minhas associações! Desesperado, entretanto, explicou: “É Coruja!” “Bom! Coruja eu conheço!” E o diálogo prosseguiu! Tinha morado em minha rua nos tempos de menino e virou pastor, como tantos por aí!

De outra feita, pedi à telefonista que ligasse para amigo meu que dirige instituição importante e que havia me pedido fosse resolvida uma questão de seu interesse, para continuar o trabalho que vinha fazendo. Dei como indicação o prenome e mais o cargo que exerce. A moça, muito solícita aliás, fez a conexão e passou a ligação. Como tinha resolvido tudo, disse, de logo: “Fique tranquilo! Vamos continuar juntos nessa luta pelo social! Pela gente simples e pela educação!” Ouvi de meu interlocutor de ocasião uma exclamação que estranhei, francamente: “Por que você fez isso? Eu não lhe pedi! Eu não preciso disso! Vivo aqui de meu negócio e não me meto com nada que esteja na esfera do social!” Perdão, quase peço, pois que era da iniciativa privada e não tinha a menor relação com aquilo que lhe transmitia por telefone!

Uma vez, numa sexta-feira de Carnaval – já vai longe –, recebi telefonema de uma certa criatura que procurava pelo namorado, indagando: “André está?” Ora, não existe André por aqui e ninguém com namorada, mas não perdi a oportunidade: “Está no bar da esquina, completamente embriagado!” E ela: “Eu não acredito nisso não! Ele prometeu que iria comigo ao Galo!” E eu: “Você é a quinta pessoa que liga! Ele prometeu a mais quatro!” Não hesitou em responder: “Vou matá-lo!” Não o matou, certamente!

O Colégio Marista

Os tradicionais estabelecimentos de ensino do Recife, religiosos em maioria, experimentam o contraponto do desenvolvimento. Cumprem o desiderato a que foram condenadas as antigas fábricas, sobretudo as de tecido, caminhando no sentido do estado falimentar e fechando as portas. Assim foi com o Padre Felix, com o Eucarístico e agora com o Marista. Queira Deus possam os outros sobrepujar a malsinada crise sem a tristeza da anunciada morte, como se viu na televisão e nos jornais. A notícia, veiculada no intervalo de uma novela, cortou o coração de toda gente; da gente que lá estudara e dos outros. Daqueles que foram alunos do Nóbrega e do Salesiano, do Americano Batista ou do São Bento. Todos, sem exceção que fosse, ouviram o comunicado ou leram a nota com o peito apertado.

As razões estão explicitadas no texto. Foi o tempo que mudou os entornos dali, da avenida Conde da Boa Vista, que acolhiam residências, moradias de classe média, mas servem hoje ao comércio, afugentaram as casas e os seus ocupantes. Por lá estavam alguns dos meus amigos, que faziam questão de se encontrar na sorveteria Xaxá, onde passavam as “Normalistas lindas/Vestidas de Azul e Branco/...” . Um desses - Floriano Quintas -, tornou-se fraterno companheiro na peleja pelo vestibular, de dia e de noite, chovesse ou fizesse sol. Virou pediatra! A cidade expandiu-se, como está escrito, levando para as antigas periferias as construções verticais, os prédios que parecem se aproximar dos céus, nos quais assistem agora os remediados da sorte e a burguesia emergente. A violência assusta e isola os vizinhos. Ninguém senta mais nas calçadas ou passeia de mãos dadas!

Mas, o Colégio Marista fechou, principalmente, em consequência da conjuntura econômica nacional, explica a nota, aliada à inadimplência consentida pela legislação atual, adianta a mantenedora. Realmente, vive-se a proximidade do caos, uma situação permanente de contenção dos salários e uma concentração de renda cada vez maior. As distâncias se alargam e a classe média amarga o tributo da hora. Não se consegue pagar a escola privada, sequer o ensino médio, deixando os adolescentes em palpos de aranha, sem a perspectiva desejada de futuro. Os

estabelecimentos públicos não correspondem e nunca corresponderam. Um ou outro fez exceção no passado, para justificar a regra somente, mas admitiam os meninos e as meninas mediante um cartão de político influente ou de autoridade maior. Muitos foram os chamados e poucos os escolhidos!

Queira Deus também não chegue essa desdita ao canto em que estudei, o Colégio Nóbrega, de onde saíram cidadãos que honram Pernambuco. Meninos que prestaram o Exame de Admissão sob a rigidez do Irmão Fonseca, português de sotaque pesado, apanharam com a varinha de bambu do Ir. Sabino e caçoaram do Ir. Felinto: “Irmão Felinto/Da canela fina...” Ouviram as aulas do Padre Viana, exigente com as declinações do Latim, as preleções do Padre Campos, de inglês afinadíssimo e as explicações menos convincentes do Pe. Alves, um santo, como descobri depois. Matriculados, a seguir, no curso científico ou no clássico, conforme a vocação, estudando noite adentro as lições do estreito caminho para a universidade, menos aquela, lida por Mozar Diniz em *Seleções*, de um caranguejo com dois metros de comprimento, capaz de corar o mestre Júlio Brandão.

Desavenças entre o Nóbrega e o Marista, somente nas olimpíadas de setembro, quando as equipes se enfrentavam na disputa pelo título. A mulherada vibrava nas arquibancadas, gritando o nome dos ídolos e não se perdia o garbo do desfile de abertura. Eu de camisa branca, de malha e gola rolê, garboso, marchando entusiasmado pela causa e a Casa. Na refrega, o apelido dos irmãos nos gritos da torcida: Urubu do Papo Branco!

Há de se ter uma solução que seja, para o velho Colégio, patrimônio do Recife!

** O Colégio Nóbrega também fechou, depois de uma festa de despedida na velha quadra. Só os jovens foram.*

Cartas de Amor

Comprou um livro com designação e com destinação mais que específicas, a tirar pelo título da obra, quase um opúsculo, na verdade: *Cartas de Amor*. Leu o todo do texto com o arrebatamento dos apaixonados e o releu depois, com a calma dos amantes saciados, passando folha por folha, grifando aqui e ali palavras incompreensíveis em seu vocabulário, contanto que pudesse escolher uma daquelas missivas para a eleita de seu coração e fez a cópia manuscrita da que considerou a melhor. Ora, afinal, os flertes dos últimos meses, correspondidos sempre, davam-lhe a impressão, nítida e forte, de um namoro à vista, materializado até, em furtivos encontros pras bandas da Sorveteria Xaxá, na qual se reuniam rapazes e moças daquelas cercanias, da rua Gervásio Pires, sobretudo. Meninos e meninas que cresceram e viraram gente!

Mas, não esperava que as tias da casadoira moiçola decretassem o veto cruel aos afetos que guardava e aos afagos que nunca ensaiara! A proibição veio de logo, assim que descobriram as saídas mal explicadas e as idas desnecessárias ao Colégio Coração Eucarístico de Jesus, onde estudava à tarde, no Curso Pedagógico. E por isso, não deveria aproveitar as folgas que havia no serviço dos Fuzileiros Navais para sair em plena manhã e se encontrar com o soldado de cujo número ninguém mais se lembra! Passou a andar de guarda-costas, com uma ou duas de suas parentes, irmãs do pai, pois que mãe não tinha, vigiando-lhe os passos. A rua inteira se apresentou em solidariedade ao amigo destroçado, que chorava as lágrimas dos impedimentos amorosos ou o pranto das separações impostas.

De nada serviram essas manifestações de apoio e desvelo, o homem não se cansava de repetir as palavras do Cristo: “Tudo está consumado!” Varou madrugadas em confissões intermináveis aos garçons da velha Cabana, no Parque 13 de Maio e salvou sonhos, sem querer antecipar do poeta a expressão do sentimento maior, a do espírito, que embala a alma: “Quem salva sonhos! Salva vidas!” Ficava horas a fio defronte à casa, moradia de sua musa encantada, encastelada agora, sob as sete chaves desses rigores dos antanhos, aproveitando-se de uma ou de outra aparição na janela ou das ocasiões em que vestida com o encarnado forte da saia e

com a pureza virginal do branco de sua blusa, dirigia-se à escola, uma tia à frente e outra tia atrás! Apreciava-lhe a face, de uma porcelana lúdica quase, como aquela das bonecas que ela própria tivera nos anos da infância.

Desesperou-se e correu à livraria, percorreu a rua da Imperatriz todinha, parou no estabelecimento que levava o nome daquela via pública de um comércio que se foi, encantado no tempo deste Recife dos pretéritos vividos e adquiriu o desejado exemplar de suas vontades. Selecionou a epístola mais bonita que achou e rabiscou no alvo do papel: “A perspicácia que te caracteriza, dá margens a que o meu amor por ti se concretize...”. E não houve quem lembrasse de mais nada da seqüência daquelas declarações de amor, que aqui recordo, tomou duas páginas do pergaminho tupiniquim, do melhor que existia, adquirido por lá mesmo, na secção de papelaria da loja de livros do judeu, Berestein por sobrenome. Escrevera, mas não entendera o sentido das frases e dos parágrafos, confessou, pedindo-me que lhe esclarecesse os pensamentos e até os sentimentos. Eu, também, não sabia!

E os anos se passaram, um pra lá e outro pra cá, casaram-se com gente diferente e tiveram filhos, plantaram árvores e colheram os frutos. Livros não escreveram, que os saiba, pelo menos, pra contar que sequer a perspicácia serviu para selar o amor que supera a dor. A meninada, da mesma forma, foi se aninhando em braços femininos! Alguns - poucos, todavia -, com as moças do lugar. Distantes, agora, nessa roda viva do existir humano, de quando em vez se encontram no efêmero das conversas, pois que a intimidade do antes foi perdida já, como defende Luiz Fernando Veríssimo e remontam cenas desses outroras, mas se vão, novamente, cada qual pra seu lugar, onde não há espaço para lembranças de passagens assim, simplórias, mas carregadas de sentimentos! E os amores se esvaíram com o peso dos anos!

Um Novo Século

Os que estão na minha faixa de idade têm muitas histórias para contar e muita conversa para fiar, neste início de século, começo, também, do milênio. É que sou nascido na efervescência da Segunda Guerra Mundial e criado no pós-guerra. Assim, pude assistir de camarote ao desenvolvimento todo da ciência e pude participar das grandes mudanças que sofreram os hábitos e os costumes. Sou do tempo da rádio AM, dos telefones funcionando com quatro números, das ligações para Boa Viagem intermediadas pela telefonista e das radiolas enormes tocando discos *long-play*. Ou sou do tempo das cadeiras na calçada, das avós gordas e de longos cabelos, cegas ou quase cegas, com catarata e glaucoma. Ou ainda, dos colégios masculinos isolados dos femininos, da farda caqui e da gravata azul, dos alunos do Nóbrega brigando com os do Marista ou aqueles do Salesiano.

Quando o fim de ano chegava e as férias começavam – três meses de desespero para os pais –, pela manhã havia uma pelada jogada na rua, com bola de borracha ou de meia e à tarde outro futebol, no chão de terra batida da rua Padre Miguelinho ou se armavam os alçapões, um desses de rede, para aprisionar canários abarrancados do Parque 13 de Maio. À noite, a roupa bem passada, calça de mescla e camisa de *buclê*, tempos depois o *nycron* e a *helanca*. E os intermináveis passeios na Festa da Mocidade, sem respeitar as severas determinações paternas: “Tudo! Menos o teatro de rebolado! Tenho escrito no jornal artigos de condenação a essa prática, que atenta os costumes!” Assistíamos a tudo, aos ensaios e às apresentações da mulherada de Walter Pinto, todas bem compostas, se comparadas às de hoje. Às vezes, uma fé no jogo de azar, às escondidas do Marcha-Lenta, o cabo responsável pela segurança do lugar. Muito raramente, uma dose de Cinzano para animar.

Na noite do Natal, a Missa do Galo era parada obrigatória no mundano das coisas. Prestava-se mais atenção às meninas, de véu à cabeça na pureza do branco, que ao cura celebrante. Alguns dos penitentes, mais precoces que os outros, enlaçavam as namoradas e sussurravam juras deixadas nos ares. À hora do ritual, a confissão antecedia o ato de comungar e ao padre se dizia, aos cochichos, os pecados todos do ano,

firmando-se o compromisso de nunca mais falhar. Passava-se uma semana, sempre, evitando os pensamentos, as palavras e as obras, mais os pensamentos que as palavras e mais as palavras que as obras. Vencida essa carência, repetia-se tudo, da mesma forma. E de culpa em culpa a rapaziada juntava remorsos e aguardava a próxima vez, para revelar aos santos ouvidos as malícias de todos os dias. Certo sacerdote dormia a sono solto no momento da escuta e se contava tudo e um pouco mais. Havia quem confessasse os próprios pecados e os dos outros, dos amigos ou dos colegas!

Quando chegava o dia de Ano Bom, era uma festa na casa de toda gente. O peru, cevado às custas de um pirão bem cuidado, empurrado de goela abaixo aos bolões, morto às vésperas, depois de ter sido anestesiado com aguardente da venda da esquina, sofria o necessário cozimento em panela apropriada, sob tempero das avós, especialistas naqueles tempos em aves e noutros acepipes. Preparava-se a mesa e autorizava-se o champanhe, mesmo aos meninos, impedidos pela idade de acesso a qualquer líquido alcoólico. Nas proximidades da meia-noite as luzes eram acesas, pois que se uma única restasse desligada seria de mal agouro, para o dono da casa, sobretudo. O Dr. F. Pessoa de Queiroz pronunciava seu discurso e o relógio tocava as doze badaladas, anunciando a mudança do calendário. Nos postes da iluminação pública, de ferro fundido naqueles anos, a molecada batia forte e o barulho do metal contra o metal estimulava os abraços. Feliz Ano Novo, diziam todos! E ninguém imaginava que assistiria o passar do século! E ninguém deu atenção às histórias das avós, sobre igual passagem noutros pretéritos!

O Segundo Bandolim

À tardinha e em sábado assim, de uma tropicalidade exagerada, sentado no alpendre de casa e sob o trinar derradeiro do sabiá, li *O Segundo Bandolim*, de Octávio Pernambucano da Costa. Um pequeno romance, no qual estão inscritas e escritas velhas histórias, transformadas em estórias. Algumas do século XIX, ouvidas dos antepassados e outras do tempo contemporâneo, por isso mesmo posta ali, no livro, a título de resgate pessoal das memórias. Personagens que foram reais, diz o autor, que preencheram cenários e que protagonizaram cenas da vida, menos Aurora, nascida do imaginário, simplesmente criada ao gosto do ficcionista. Essa, a mulher ideal, que aflora na hora da inspiração literária, forjada às custas de muitas outras, trazendo no todo uma integralidade construída em partes. Pela beleza que impressionou e pelas formas de corpo que mais se adequaram às sensuais exigências do escritor, pela inteligência e pela loquacidade, como pela sensibilidade, de almas femininas tocadas pelas virtudes do espírito e do sentimento. Figurante, pois, de enredos carregados de afetividade, de carinhosas palavras dantes verbalizadas e anos após novamente expressas sob o manto agora mais do que protetor da ficção. Só assim o prosador, poeta tantas vezes, faz ressurgir figurantes dos tempos, que as brumas do passado embalam com as nostálgicas loas das lembranças!

E com o texto de Pernambucano da Costa tive a satisfação de fazer uma longa viagem de volta nos anos, a lugares até que não imaginava retornar dessa forma, em pensamento. Fui rever o Quem-me-Quer, aquela longa mureta no centro da cidade, emoldurando as margens do rio das capivaras, de um lado e de outro, na qual sentavam muitos dos que me acompanharam na jornada da juventude. Lugares reservados às moçolas casadoiras da banda de cá, nas proximidades do São Luiz. E mais outros, na banda de lá, para as mulheres de vida fácil, mas de cujas dificuldades tantas se sustentaram. E diz o nosso romancista, estreante na arte da ficção, que ali há: "... gente fazendo uma parada para esquecer a mágoa, gente expandindo felicidade, gente pedindo gente com os olhos". E era isso mesmo! Quantas e quantas vezes vi com esses olhos de agora figuras absortas, olhando o largo vazio do firmamento, distante do mundo e das coisas, como as pessoas pensando na vida, no existir terreno, mastigando desditas e mitigando o padecer d'alma! Ou quantas vezes assisti o riso

brotar das viçosas faces de meus contemporâneos, de moças e de rapazes vendendo alegria e distribuindo humores! Do mesmo jeito os amores, aqueles que floresceram e de todos os deuses mereceram as bênçãos e os que feneceram no pranto chorado, silente ou ruidoso, nas muretas de pedra!

Fui à rua Formosa – a Conde da Boa Vista de hoje –, à Imperatriz e à rua Nova, à rua do Sol e a muitas outras, todas do Recife daqueles antanhos, fiz o *footing* e outra vez me sentei no Quem-me-Quer, destino derradeiro dos encantos urbanos. Nos bairros de São José e Santo Antônio, na Boa Vista e no Espinheiro vi as cadeiras nas calçadas e o povo fiando conversa. Nas casas de grandes quintais, nos terreiros de outrora, estavam estendidas as roupas lavadas, a secarem ao sol e ao vento, despertando fantasias, como no livro, no imaginário dos meninos! Ouvi os pregões do Recife, cantados e decantados por Octávio Pernambucano da Costa. Temática, aliás, sobre a qual já me detive e para a qual obtive a maior de todas as repercussões! O escritor lembra do homem que trazia às costas verdadeiro armazém de utilidades: “papé pega-mosca, abridô de lata, espanadô, vassoura e abano, rapa-coco e grêia..”. Mais interessante ainda o amolador de tesouras, que, na verdade, a tudo amolava, tocando um realejo de tubos crescentes, a deslizar nos lábios, para um lado e para outro, sob a ação de um sopro nascido das inspirações do espírito. E foi no povoado de Duarte Coelho, na velha Olinda, onde Aurora encontrou-se com Álvaro, que eu me encantei também com a musa de meus dias e fiz daquilo ali, das calçadas altas e largas, os meus altares, deixando-me fluir o culto à magia da beleza e da inteligência.

Eu também li *A Carne* às escondidas, no quarto da empregada, com a cumplicidade de Virgínia, nascida nos Palmares, criada na palha da cana e amada na bagaceira. E conheci a petisqueira, na qual se guardavam as frutas das árvores do quintal e na qual estavam penduradas as xícaras, pelas asas. Desapareceu do ambiente doméstico por falta de espaço, substituída pelos armários da modernidade! E fui, então, acrescentando as minhas coisas, para misturar as saudades! Na sala, o velho Lavatório, em desuso já, mas trazendo de volta a minha avó paterna, a casa-grande do engenho, como a louça inglesa e os talheres de prata, com inscrições que diferenciaram a família antes da debacle do açúcar.

A Petisqueira

Ficava em cômodo da casa, habitualmente, chamado de saleta. Lugar de refeições ligeiras e do preparo dos lanches dameninada. Ali, a minha mãe batia a vitamina de banana ou machucava a fruta tropical em prato fundo, acrescentando o leite, a aveia, o chocolate e a farinha láctea. Uma delícia para a criançada, às três da tarde ou mesmo às dez da manhã em tempo de férias. Ali, também, eram preparadas as sacolas com a merenda da escola, todas com as iniciais JB, isto é, Grupo Escolar João Barbalho, para as quais se utilizava do antigo e ainda hoje integrante dos cardápios de toda gente, o pão francês e um ovo frito, fazendo um sanduíche que chegada a hora de comer já estava frio e gorduroso. Mas, todo mundo tinha prazer em sentir no paladar esse gosto diferenciado. Não havia as lanchonetes de agora, tampouco as cantinas colegiais.

A petisqueira servia para guardar a louça do dia-a-dia e eu não me lembro se havia uma outra – uma outra louça –, mais sofisticada e menos sujeita às quedas e pancadas, senão aquela que a minha avó paterna trouxera do Ceará-Mirim, com o nome de seu pai gravado nas peças: Victor José de Castro Barroca, meu bisavô. A louça e os talheres, esses também com a inicial do sobrenome daquele antepassado: “B”. Imagino que nada ou quase nada restou desse acervo de família, a não ser um prato que por aqui está exposto na parede e uma terrina ainda hoje vista na moradia patriarcal, transformada em residência matriarcal, agora. Era um móvel de acabamento simplório, de portas nas quais o vidro fora substituído por telas de arame, facilitando, assim, a ventilação. Na parte aberta da petisqueira eram postas as frutas, arrumadas em fruteiras, às vezes, decoradas com desenhos sugestivos.

Foram anos e anos sentando ali, na mesa tosca, para um almoço antes da hora ou para degustar pequenas refeições. Não havia cadeiras no lugar, mas bancos comprados na feita de Santo Amaro, aos sábados sempre, vez ou outra reforçados para conter o balanço dos empenos.

Um Pierrô Apaixonado

Onde estão os antigos pierrôs apaixonados, que nas ruas estreitas deste Recife de todos os amores cantavam e decantavam os sentimentos e os desejos pelas colombinas de seus devaneios? Ou que protagonizaram: “Histórias de amor assim/Assim!/...”. Encantaram-se, certamente, desapareceram nas brumas do tempo, nas nuvens de todas as folhas, levando na face, sem a máscara já, a lágrima pendente das saudades e das lembranças! Indefinido semblante daqueles que amam e que não merecem mais, da idolatrada musa da paixão desesperada, um olhar sequer, capaz de aplacar os sonhos nunca oníricos. Não há remédio pra essa cura, não há unguento suficiente para sarar a ferida das frustrações do amor, aberta sempre com o aflorar das lembranças. Basta um acorde que seja, uma nota de Nelson, reavendo “Felinto/Pedro Salgado/Guilherme/Fenelon/...” para fazer aflorar na memória imagens ainda guardadas a sete chaves, momentos de intensidade rara, minutos, às vezes, de muitos afetos. Afagos rarefeitos nas nuvens do ontem, declarações paridas em rompantes do coração em fogo, incêndio das paixões.

“Agora chora pierrô/É tua sina/A sina de pierrô é chorar por colombina/...” E por certo os fantasmas desses apaixonados, nostálgicos sofrendores em perpetuidades das lembranças, vagam ainda nas noites de Carnaval, perseguindo roteiros de antigos corsos em automóveis de fumaça, buscando aqui e ali, como alhures, ósculos perdidos da amada no éter das ilusões! Levantam as mãos, fluidas quase, para captar mensagens assim, de beijos jogados, roubados também, lançados no estirar lúdico das serpentinas que se desfazem, estirando-se em longos vínculos das fragilidades dos amores. Ou baixam a cabeça, esperando confetes coloridos das esperanças de todos os reatamentos, impossíveis já! Nada mais resta, nem pode restar, senão as asas do imaginário que refazem convívios! Vivências e convivências da fantasia, felicidades do efêmero! E nos sulcos que marcam as faces dos fantasmas, caminhos dos desesperos, rolam silentes solitárias lágrimas, lentamente.

E os palhaços, vestidos de branco ou de amarelo, com as bolas da negritude, que simbolizavam por certo o luto das irreparáveis perdas, dançavam nas ruas o passo das ilusões, fazendo a coreografia das alegrias,

quando estavam de coração dilacerado, escondendo nas máscaras o semblante das angústias e a fisionomia das ansiedades! Aquele rítmico tocar das castanholas, pungente como a despedida dos amantes, era o pranto derradeiro do estabelecido adeus! Faziam de conta que gostavam do alvoroço das crianças, dos meninos e das meninas fazendo o coro da alegria, mas por dentro sofriam loucamente, como os largados pela vida e pelos amores. Quando a quarta-feira das ingratidões chegava, tiravam a máscara de pano, como se estivessem fechando a grande cortina do palco e voltavam para as coxias, condenados a mais um ano de realidades, nuas e cruas, como tem sido a vida de tantos!

E a colombina encantou-se, também, desapareceu da roda, dos amores e das alegrias.

Colombinas Enternecidas

As minhas saudades estão guardadas agora em doirados guizos das fantasias dos meus outroras e revivem lembranças dos carnavais que se foram e nunca mais hão de voltar. Ah, recordações dos tempos pretéritos, de amores rompidos assim, sem as antecipações dos rumores e das dores! Onde andarão as enternecidas colombinas de meus anos, que encantavam pierrôs apaixonados e inquietavam arlequins desesperados? E os palhaços, de roupas largas e de muitas cores, de máscaras risonhas, tocando castanhola e acompanhando o frevo de bloco ou o rasgado dos acordes? Nem as serpentinas jogadas bem longe, nas distâncias que embalam os nostálgicos sonhos do imaginário, recuperam aqueles tempos: os salões enfeitados e os pares rodopiando alegria. E nem os confetes, com o espectro todo do arco-íris da vida, flutuando nos ares ao sabor dos ventos, vão trazer de volta os beijos roubados das mascaradas moiçolas, que escondiam a face, mas não podiam negar as formas do corpo! Se o lança-perfume evaporou-se para sempre, deixou pelo menos gravado na memória das épocas o aroma gostoso que aproximava os corações ardentes, inflamando as paixões! E o mais do que tradicional corso, como uma serpente enorme, espalhando-se e se espraiando, carro após carro, caminhões enfeitados com faixas de pano, batucadas improvisadas e músicos de ocasião? O bate-bate de maracujá e a animação tomando conta do mundo pequeno dos meus dias de menino desapareceram também nos ares da vida! Era o frevo no pé e o pé no frevo, contanto que houvesse alegria na fanfarra das horas!

Revejo, então, o sacrário das minhas saudades, depositário das minhas lembranças, para acender os meus devaneios pueris, guardados ali, naquele canto das recordações dos pretéritos do existir terreno. A fantasia azul de marinheiro, da cor do céu, de gola branca e larga estava lá, engomada e passada, pronta para ser usada. Foi a minha mãe quem a manteve assim, embalando as divagações e os sonhos da criança do antes, oníricos, sobretudo diurnos, preservando os mais particulares desejos, de ver e de rever esse tempo encantado. Não adianta querer vestir a roupinha de palhaço, de fazenda estampada, com um coração muito grande preso no pano, representando os amores de uma infância feliz e bem vivida. E de

que serve querer ouvir, na velha radiola de casa, os acordes dos frevos de bloco, a musicalidade de Nelson e de Capiba, tão presentes naqueles dias? O disco de 78 rotações não tem mais em que agulhinha rodar, porque cedeu lugar aos avanços e perdeu o espaço na corrida do tempo: “Ah!/Saudade!/Saudade tão grande!/Saudade que tenho...” . Na madrugada do domingo, agora, não posso mais ver chegar a musa de minha rua, vestida com a fantasia de capitão, da mais pura e branca seda, aos beijos e aos abraços com o pretendente emergente, num amor de causar dor e dó a todos que a tinham na mais do que franca maneira de promover no imaginário as enlevações do espírito. Se casou ninguém sabe, ninguém viu! Sabe-se, apenas, que ficou na lembrança de muita gente!

Faço hoje mesmo o itinerário sentimental do curso e viajo pelas ruas do Recife, sem me ater aos indicativos de trânsito, às proibições do tráfego, postas aqui e ali sinalizando a modernidade, contanto que possa rever os meus passos e os meus passados, as minhas andanças, afinal, em tempos idos, acolhidos já na enorme distância das saudades! Posso ouvir o batuque cadenciado dos tamborins daqueles outroras, que no caminhão, ao fundo, animava a meninada toda! E na velha Casa de Detenção descortino os antigos sinais dos encarcerados, da gente presa ali, pendurada às grades, dando adeus à liberdade dos outros. Passo pela a rua da Concórdia inteira, o meu paço da folia à época, do começo à praça, cumprimentando em pensamento os passantes todos, as colombinas e os arlequins, os pierrôs e os palhaços, os mascarados e os papangus que assombravam os meninos nas ruidosas manhãs de sábados encantados. Sento-me, porém, num banco qualquer e vou rebuscar encontros e desencontros dos meus derradeiros corsos! Foi aqui, relembro, falando quase, que vi a musa dos meus dias, que identifiquei o peculiar sorriso, alvo e puro, de incisivos levemente oblíquos, dando vida à beleza nascente, que a vi crescer e desenvolver na corrida do tempo, do implacável relógio marcando as horas e rodando os dias. Quando os nossos olhares se cruzavam nos ares da fanfarra, o riso adornava-lhe a face bem desenhada das esculturas forjadas pelas mãos do Criador! Tomei a mim a missão de amá-la! Melindrosa dos meus dias!

Posso, então, cantar, com o menestrel do amor: “Os melhores dias de minha vida/Eu passei contigo/Minha querida...”. Assim, atualizo as minhas saudades, lembrando os carnavais do ontem e amando a musa do hoje!

Os Caminhos de Lili

Esse traçado urbano que percorro agora, sob os acordes mais que nostálgicos da orquestra de frevo, foram os meus caminhos também em tempos idos e vividos. Velhas igrejas erguidas na frouxidão do mangue, ruas antigas enfeitadas com trilhos. Tudo isso me traz de volta um passado assim revivido, durante o desfile do Nem Sempre Lili Toca Flauta. Um bloco que sai no Recife, mas chega a Tóquio, na palavra escrita em bom português por Harumi Royama, morta de saudades das alamedas estreitas de São José, sem saber ainda das mudanças no roteiro das lembranças. Onde estão as lojas de minha infância? Os lugares dos meus presentes de Natal? Cantos ou recantos das escolhas carnavalescas, do quepe de almirante ou do gorro de marinheiro! O meu pai fazia questão de sair no sábado de Zé Pereira, andar pela cidade e comprar o lança-perfume, a fantasia e os confetes.

A Casa do Atleta e a Casa do Esporte, a Capa Argentina e a 4.400! A Editora Nacional e depois a ponte, a *Sloper* e a Viana Leal! Não passei na Sertã, onde estava o consultório do meu tio, em cujas mãos zunia a broca que escavacava os meus dentes. E o sanduíche da Confiança? Pão de caixa prensado e o queijo se derretendo! Ou o sorvete do *Gemba* e o chá da Casa Matos? Tudo isso está gravado na minha memória! Tudo isso eu pude reviver ao som do frevo cantado e da manhosa musicalidade, revendo os meus dias da adolescência, que se foram nas brumas do tempo. Mais ainda com o passeio a Bezerras, onde os mascarados, papangus, fazem a festa o dia inteirinho, com o abraço caloroso e a saudação ruidosa. Não fosse a higiene do banheiro público, muitos teriam ficado na cidade até a noite chegar!

Na volta, uma parada em Gravatá para degustar um feijão verde bem cuidado e um bode guisado, contando com o acolhimento do Sr. Camilo Brito, português bom de prosa, leitor dos fatos antigos, das origens nacionais e das viagens de seus patrícios às terras do Brasil. Dado ao cultivo de belas orquídeas e no antes do tempo caçador sem histórias. Arraigado à melosidade do fado, que canta a tristeza, atijando as saudades. Na casa ao lado, entretanto, o som deixava escapar vozes diferentes daquelas que Momo reconhece: “Quem eu quero não me quer/Quem me

quer mandei embora/...” Chego mais perto e permito ao imaginário fantasiar o momento, considerando que o dono do bangalô era um cinquentão saudosista que não gosta do tríduo! Prefere ouvir a melodia das saudades.

O melhor de tudo, porém, no Carnaval que se foi, como tantos outros, está no presente que recebi de vizinho meu, Guedes de sobrenome. Uma cópia de gravação antiga da Banda do Corpo de Bombeiros do Distrito Federal. Ali está a sonoridade dos meus começos! Versos puros de meus princípios, de vivências que experimentei quando era imberbe quase! Ficava horas ouvindo *As Pastorinhas* ou *A Dama das Camélias*, o *Rasguei a Minha Fantasia* ou o *Hino do Carnaval Brasileiro*. Naqueles distantes antanhos poucos tinham radiola em casa e poucos podiam deliciar-se com essas músicas. Mas, a vizinha do lado, que só me procurava quando precisava remendar o pneu da bicicleta *Monark*, tinha um equipamento assim e gostava de rodar essas belezas todas. Como ouvir a ninguém incomoda, eu também escutava!

E a quarta-feira chegou, amanheceu com o mundo parado e as cinzas nas avenidas e nas ruas, menos nas alamedas dos meus sonhos e de meus devaneios, nos quais reina a majestade das recordações, acomodada no trono doirado das lembranças.

Serpentinas Rasgadas

Neste tempo de folia - perdoe-me o leitor - pra mim não há magia, pois onde fizeram morada o luto e a dor não há como ter alegria! Antes a nostalgia, lembranças de muitos anos, encantados agora no passado das coisas. De outros carnavais, de fantasias guardadas nos escaninhos já desgastados da memória dos dias de minha infância, de sonhos desfeitos, gestantes ainda no imaginário, sem que pudessem sequer experimentar a realidade do parir, na interface da vida, adolescência do ser, metamorfose do existir humano.

Lembranças do menino vestido a caráter em roupa de marinheiro bem encorpada, assumindo ali mesmo, na vespéral do Clube Português, ares de capitão da grande frota da ilusão, a navegar nos mares do devaneio. De serpentinas rasgadas e amores partidos, num arco-íris de confetes coloridos, escorridos todos dos céus de meus desejos. Cabelos longos e lisos alguns, pretos ou castanhos em maioria, mas louros também, nascidos assim, doirados. Do perfume da lança e do lança-perfume saudando paixões, fortuitas, exauridas depois, nas cinzas da quarta.

Saudades do corso serpenteando a cidade, dos carros enfeitados, estourando o escape, da água de cima pra baixo dos sobrados da Concórdia ou de baixo pra cima da malta se vingando e os remediados da sorte molhando. Dos beijos roubados – efêmeros ósculos –, de promessas e juras desprezadas todas, esquecidas quando a fantasia das coisas tombava e a realidade dos dias voltava. Dos presos olhando do alto das celas a liberdade passando, do adeus de mãos assim, encarceradas, distantes de um afagar carinhoso, meloso, de um manto piloso qualquer que fosse dando forma aos desejos. Pesadas grades aquelas, nítidos limites da violência incontida, na contenção violenta do ferro fundido!

Recordações de tantos momentos, tempos felizes do descompromisso assumido, do tambor dando ritmo à batucada de improviso na folia do corso. Do caminhão enfeitado com palha de coco, decoração tropical e simplória, na criação fértil do avô materno. Da gente miúda tamborilando e dos mais velhos incomodando, dando ordens e contra-ordens, exigindo do motorista, com nome de santo e santo também

- João –, peripécias e piruetas mil. E os primos quatrocentões exercendo a perplexidade paulista, quando o micróbio do frevo tomava de assalto a indisposição sulista.

Gostosa folia aquela, que se esvaia ao primeiro sinal da ingratidão da quarta, ameaçadora, com ares de bacalhau à mesa e do vinho tomado com o sabor diluído da sangria bem cuidada. Acauteladora medida do pai comedido, contido com os prazeres do mundo. E o filho rebelde na gafieira dançando, ouvindo o fiscal de salão, defensor atento daquele recanto da fantasia e do recato. Pacato lugar de tantos amores, casais enlaçados à moda do tempo, frevando e sambando sem poder se tocar, mesclando no passo, no passo da gente, da tradição tupiniquim das coisas, as cores do corpo de morenas melosas, dengosas algumas, com o menino da casa de suas ocupações profissionais e domésticas!

Bailes no Clube Atlântico, na Marim dos Caetés, vesperais animadas por esperanças mil. Balzaquianas perdidas, desgarradas, carentes, no meio das músicas soltas, trazidas por firmes acordes dos trombones à proximidade de corações em fogo. Inibições pueris e tímidas incursões, reinados de sonhos em cortes do imaginário. Marcadas frustrações!

Neste tempo de folia - perdoe-me o leitor -, pra mim não há magia, pois onde fez morada o luto e a dor, não há como ter alegria!

A Alma Plena

Este espaço de jornal em que exercito os meus pendores, às vezes literários, e no qual deixo aflorar os meus sentimentos, é muito mais que mágico. Espaço de meus encontros e de meus reencontros e espaço até de minhas reparações d'alma! Conheci, a partir daqui mesmo, diversas pessoas, leitoras todas das crônicas ensaiadas em momentos assim, do emergir das emoções, dos ganhos ou das perdas que a vida traz. E se encontrei a tantos, reencontrei a outros, velhos companheiros dos bancos de escola, dos tempos dos jesuítas e dos anos de faculdade, que me acompanham nesse mister delicioso de escrever e de ser lido. Com frequência, ouço alusões a um tema qualquer, fruto de minhas divagações do espírito ou resultante da prática nostálgica das minhas saudades. Chego a pensar que o cotidiano agrada a quem faz uma pausa na leitura das notícias do dia-a-dia e se identifica com o articulista, aprendiz sempre! Tanto faz o pretérito distante, como o presente rapidamente transformado em passado!

Certa vez, andando pela praia, nas brancas e finas areias de Pau Amarelo, tive a grata surpresa de ouvir de uma leitora o quanto lhe fizera bem um de meus artigos. A moça, sentada ao sol de verão, levantou-se e me disse de sua satisfação ao comungar das minhas idéias e talvez dos meus ideais. Precisava, como verbalizou, daquelas palavras solidárias, de uma certa reparação das falhas humanas, tão comuns, mas nem sempre compreendidas, do entendimento da fragilidade da criatura. Uma outra senhora, também, nas mesmas areias cálidas, me fez parar a caminhada e indagou: “Você escreve pra mim?”. É que as lembranças da infância e as recordações da juventude dos meus tempos coincidiam com as suas formas de reviver os anos. Sendo de meu grupo de idade, com certeza vivera episódios assemelhados ou andara por lugares parecidos, senão os mesmos de meus dias! Assim, parecia entrar no texto e participar da flexão das palavras e das frases, ajudando a formar períodos inteiros de vivências guardadas agora nos reservados recantos da memória!

Dia desses, nas proximidades da av. Boa Viagem, ouço do carro ao lado ruidosa saudação de velho amigo – Rodolfo Coutinho –, colega do ginásio. A um só tempo falou dos assuntos de minhas últimas crônicas, dos

filmes a que assistíamos juntos, burlando a vigilância descuidada nos cinemas da cidade. De Brigitte Bardot, musa encantada da juventude toda, uma antecipação da Vera Fisher de agora, forasteira e estrangeira, mas estímulo forte às fantasias daqueles tempos. Lembrou as brigas com outro colega de colégio, Marcionilo de prenome, de cujas contendas tomamos por castigo a expulsão materializada da antiga Congregação Mariana, que freqüentávamos com olho grande na sinuca e nos outros jogos da sala, nada mais. E o sinal abriu, o encarnado sofreu a metamorfose do verde, impedindo o mais sublime dos atos, o de fiar conversa assim, rebuscando lembranças. Faltou muita coisa - É claro! -, das traquinagens todas, das inquietudes vocacionais primitivas, eclesiásticas por vezes, dos pecados repetidos aos ouvidos dos padres e muito mais! Um dia, recordaremos tudo isso!

Uma determinada crônica, dedicada a uma certa mãe dos meus distantes convívios, gerou uma atenciosa carta de outra senhora igualmente sofredora e da mesma forma desesperada. Dizia, em bom português, que sendo habitual leitora deste espaço, jamais imaginou tamanha sensibilidade. Não me conhecia, dizia e por isso, idéia não podia fazer! Assim, contou a sua desdita, os seus traumas e as suas frustrações. Li, com toda a atenção d'alma, reli muitas vezes e me fiz partícipe de suas dores. E se há noites em que rezo aos céus, na minha incredulidade do hoje, não dispenso essa inclusão em meus pedidos: a reflexão do espírito voltada para o leitor. Muito grato, então, aos leitores todos, aos que ligam e se expressam, aos que encontro no efêmero das ruas, aos que não me cumprimentam porque não podem e até aos que não gostam e dizem ou não dizem! Muito grato a Rodolfo Coutinho, a quem dedico a inspiração e a crônica!

Ao Leitor com Carinho

Ao leitor que me encontra nos corredores da vida e generosamente acusa a falta que sente dessas crônicas, às vezes semanais, confesso: ando exaurido. À leitora também, que me aborda no restaurante e indaga sobre todas as saudades, desejando-as mais e mais, declarando-se também uma fã de Fátima Quintas, dedico essas digressões d'alma. Da escritora, digo de logo, sou apenas o mais simples dos alunos. Discípulo inusitado! Chego a ter, reconheço, lembranças daquelas lembranças, dos engenhos e dos cantos, como dos recantos, dos beirais acolhendo o trinar dos pássaros em tardes mornas.

Os afazeres de todos os meus dias, porém, por este ano inteirinho, consumiram-me até a inspiração para a prosa, neste espaço que me acolhe as loas das recordações! As idéias que afluíam na boquinha da noite da sexta-feira ou quando o sábado embala a manhã de domingo, nostálgica quase sempre, desapareceram, sofreram a metamorfose do branco e terminaram escurecendo no imaginário. Poemas da negritude do nada, então! E sem as idéias fenecem os ideais do espírito, tangidos pelos rubínicos semáforos d'alma. Descubro assim, de súbito, que preciso de férias. Já penso, como me dizia há poucos dias amigo psiquiatra, especialista em afetos, nos anzóis e nas iscas, no peixe, enfim, fisingando o fragmento de camarão, sem perceber a vindita.

Hoje, porém, assalta-me o desejo de novamente me expor, de decantar amores ou de escrevinhar as dores, pois que ficaram para trás todos os labores, amarrados até a segunda-feira, na árvore dos ofícios, se Deus assim o permitir, qual alazão bravio, contido dessa forma por algumas horas apenas! Depois, já se sabe, volta a esquipar! Confesso que ao sair de meu gabinete, na marca de um adeus que a sexta-feira transmite, cuidei, involuntariamente quase, em olhar as plantas que Zefinha cultivava. Havia uma rosa vermelha, pungente e outra branca, emergente, parindo cores, sem exalar odores e muito menos olores, sugerindo, ambas, naquela paz de fim de tarde do *Campus* em despedidas, um bucólico aceno desses meus amores impessoais, nessa parada sacrossanta de meu descanso. Afinal, a semana deitou-se para o sono reparador! Deixei de ouvir outras línguas e outras linguagens, deixei de ser o intermediador das pazes

generalizadas e infinitas, mesmo que finitas e às vezes impossíveis. Negociador de afetos assim, sem que seja propriamente um psiquiatra!

Surpreendo-me, contudo, sentado diante do écran do computador, prevaricando, pelo abandono que produzo e promovo à velha máquina de escrever *Olivetti*, que acaba de completar, sem festas aliás, 23 anos de bons serviços. Tanto quanto o casamento, nesse matrimônio das letras! Piano de todos os meus louvores, das materializações e das escriturações de meus devaneios, de meus sonhos, sobretudo, tomando a forma dos caracteres e destes, em abraços, parindo pensamentos. Sinfonia de minhas lágrimas, muitas vezes, dedilhadas com o pranto de todas as saudades. Na verdade, sou do tempo em que o exercício de escrever passava pela pena molhada a intervalos regulares no tinteiro chulo. Pena como aquela que recebi de meu pai, decorada em coloridas e desenhadas voltas por cordões de boa textura ou como outras, pintadas à mão, dando *status* ao escritor de ocasião, escrevinhador de amores vividos nas alamedas do antigo parque. Depois, vieram as chamadas canetas automáticas, a Parker e a Compactor, mostradas agora em feiras de antiguidades. Um dia, voltando minha mãe do comércio ou da Cidade, como se dizia à época, trouxe uma caneta esferográfica, aquela que não precisava abastecer nunca, como explicou ela, senão quando se exaurisse a carga. Não sou velho, esclareço e digo de pronto, sou nostálgico! Tenho saudades até dos tempos de meu bisavô, confesso! Guardo-lhe o retrato a bico de pena! Não o conheci! Que pena! Resguardo-lhe, entretanto, os sentimentos, imagino!

Era também da época – as minhas épocas – do aprendizado sistemático da datilografia, com direito a diploma e tudo. Às vezes até com a solenidade de formatura. A possibilidade de trabalhar em lojas ou em repartições públicas exigia isso! Chegando o filho, como foi meu caso, aos 15 anos, não se descuidavam os pais, matriculavam de logo na escola mais próxima e se começava esse convívio mais que benfazejo com a máquina de escrever.

A Agonia de um Recanto

Aqui, nestas distâncias praieiras, recanto dos meus devaneios e canto dos meus encantos, onde tenho podido partilhar muito dos meus amores e dividir o pouco das minhas dores, tudo está diferente. Quase não posso mais ensaiar as fantasias paridas de meu imaginário, farto e forte, confesso, desde a mais tenra das minhas idades ou quase não posso mais entoar o cântico dos meus ardores, sinfonia d'alma ou melodia dos espíritos saciados com a beleza da vida, plenos com a existência terrena. Tiraram a paz do lugar e mexeram com o bucólico dos ares, promoveram assim a metamorfose desadorada do simplesmente urbano, trazendo a civilização para este misto de mar e campo. Os coqueiros de Pau Amarelo agora sucumbem à força do fogo que devasta e deixaram de dar adeus com as palhas balouçando ao vento às ondas do mar, curvam-se, na verdade, em estalidos mais do que sonoros, despedindo-se do oceano enorme. E até as areias cálidas, tão livres antes, permissivas até com os amantes em flor, atores importantes dos espetáculos dos inícios, encheram-se de gente, daqui e dali, tomando jeito de praia grande e buliçosa.

As entradas de estrada batida, dos lados contrários ao do mar, que levavam às matas de cajus, cruzadas tantas vezes pelos pequeninos cursos d'água, verdadeiros maceiós, abriram-se e desfolharam-se. Há dezenas de novos conjuntos habitacionais para o atendimento da classe média, uns em ofertas e outros não, mas sedutores todos e a população flutuante de veranistas forasteiros há aumentar, certamente. Desapareceram, todavia, tangidos pela febre da civilização, os sagüis das frondosas árvores e com eles o bailado vespertino do enlevo da natureza, de galho em galho saltitantes. Que pena! E aquele galo-de-campina, o último daquelas paragens mistas – mar e campo –, mas místicas e míticas também. Para onde foi? Antes tivesse se achegado à minha janela, onde cantava, mesmo que à distância, as loas do alvorecer e pedido para abrir a porta do alçapão dos meus desejos! Pior o timbu – um gambá macho, imagino, habituado a me fitar à noite, acomodado num arbusto de casa, tão fixamente que dava medo encarar! Sumiu simplesmente, foi buscar guarida noutras bandas! Nem o calango, verde quando convinha, invasor da sala e terror das meninas, filhas minhas, sem os hábitos dessas interveniências silvestres,

apareceu mais! Restam por lá umas rãs, em tudo muito espantadas, nada mais! Proliferaram, entretanto, os pernalongos, cantores macabros de todas as árias da funesta ópera!

Hoje, o movimento dos carros na pista principal lembra aquele das metrópoles e das megalópoles. Anda-se voando quase, sem o respeito necessário aos transeuntes, nativos do lugar muitos, os quais, de quando em vez, sucumbem atropelados. Não entendem bem porque morrem assim, num lugar agitado, dantes tão pacato, tão calmo! Mas morrem! Passear de automóvel, como antigamente, em marcha vagarosa, admirando o coqueiral e vendo os animais pastando, no pachorrento jeito dos cavalos e dos bois, fiando conversa com a patroa, reavendo afetos e afagos, nunca mais! Os outros ficam buzinando às costas, têm pressa parece, sempre! É correr também feito um desadorado da vida, descortinando visões dantescas, como a de um avião que fizeram aterrissar por lá, virado em bar, no momento! Ninguém sabe as razões dessa empreitada, de um velho DC3, merecedor de um lugar condigno no museu dos ares, exposto dessa forma às inclemências do tempo. Ninguém sabe, sequer, como chegou por lá, se puxado a cavalo ou voando nas asas do passado! Em Maria Farinha, fim de linha dos meus passeios, ambiência de carícias postergadas durante o ano, é impossível ver o rio. Um muro enorme num aterro grande, às margens do Timbó, cobriu, com os tijolos do nada, o tudo das águas, doces e tranquilas.

Havia uma marina no Timbó, há duas marinas agora e por certo outras marinas virão! Só não se pode ver uma Marina qualquer se banhando na largueza das águas e trazendo a magia que encantou o poeta no rio das capivaras, num alumbramento em tarde morna, na Várzea do Capibaribe.

Um Mar Tão Grande

Melhor que a criança, ninguém pode definir as coisas da natureza! A criança tem o sentimento livre, é livre para amar e liberada para não gostar!

“Um mar tão grande, com ondas tão pequenas!”, foi como Ana Carolina, a caçula aqui de casa, definiu a praia de Nossa Senhora do Ó. Admirou-se, nadando na imensidão atlântica, com a paz das águas que não se mexiam quase, naquele domingo de férias do mês de janeiro.

É assim mesmo a Praia do Ó, entre Pau Amarelo e Conceição. O mar vem a todo instante beijar as areias brancas e ainda limpas, mas o faz levemente, deixando o ósculo a se espalhar com o alvo das espumas. É amante à moda antiga, capaz de acariciar com a mão espalmada e a leveza de uma pluma, a face da amada.

No Ó, logo cedo, dobra o sino da paróquia, convidando a gente simples – os nativos e os veranistas, que forasteiros não são –, para a integralidade do contacto com o Criador e a natureza. A Missa e depois a praia!

Um misto de mar e campo é a praia do Ó! O peixe chegando fresquinho em jangadas carcomidas de tantas viagens mar adentro, o camarão vermelhinho vendido nas portas contrasta com o gado pastando, pachorrento ou o beija-flor rabo-de-tesoura sugando rápido o néctar das papoulas e o mel das rosas. Lagostas aos montes, bulindo, quase vivas ainda ou o caju novinho, amarelo ou vermelho forte, fresco, ao gosto do poeta que foi Mauro Mota ou em passas, como gostamos nós, os mortais e incapazes do verso fácil.

Em dias de semana, em tempos de trabalho, aqui e ali, uma alma perdida toma o sol por padroeiro. Raramente uma mulher amorenada da tez e arabizada de face, como disse Gilberto Freyre, deixa o corpo mais livre. Aos sábados e domingos não precisa a caminhada, basta sentar na frouxidão da areia e admirar a passagem de gente toda bonita, de gente que é paisagem misturada à imensidão do mar.

Gente urbana curtindo o sol e gente rural com ares citadinos, vermelha feito um tição, gente que é do mar e é rural, catando a mariscada que na panela vai dá, ao coco ou ao azeite, prato pra toda a família.

** Texto escrito quando Ana Carolina, a filha caçula, tinha entre 3 e 5 anos de idade.*

Gostasas Saudades

Aqui deste canto, onde me encanto, ainda, na antiga e paradisíaca praia de Pau Amarelo, onde os pássaros entoavam o cântico dos cânticos, posso parar nesta manhã de sábado e deixar que o imaginário ganhe as asas do tempo, reavendo minhas vivências e minhas convivências, meus convívios, enfim, de anos que se foram. O telefone celular que me acompanha, trazendo boas notícias e às vezes informações dolorosas, não faz ligação para o outrora e nem promove o desejado reaver das lembranças que me inquietam e que alimentam fantasias desses impossíveis retornos nas décadas e até no século. É irrealizável, então, à ciência do homem no presente das coisas essa viagem de volta. À infância – quem sabe? –, à adolescência ou à juventude! Fui feliz, creio firmemente, porque amei e fui amado!

Gostaria de me sentar, outra vez, no alpendre de casa, de fazer a arrumação dos brinquedos, os carrinhos de madeira e os apetrechos de guerra, de plástico já. Arranjar o batalhão de soldadinhos de chumbo no chão e prepará-los para a batalha de Monte Castelo, alguns com as armas aos ombros, poucos com o telefone de campanha e a maioria simplesmente em guarda, como deve convir mesmo às criaturas assim, resultantes da imaginação alheia. Sou nascido durante a beligerância mundial e criado no pós-guerra! Sonhar de novo, como fazia dantes, com a vizinha de defronte, bonitona e noiva. Mudar o conteúdo desses devaneios oníricos, como sucedeu, acompanhando o passar da idade, o evoluir dos sentimentos, num crescente apelo do inteiramente sensual.

Ah, que saudades de minha adolescência, de minhas paixões impossíveis e de meus amores plausíveis, das minhas férias e de meu futebol, dos meus canários abrindo as asas e entoando o pranto meloso das perdas! Que saudades das festas de rua, das quermesses e das quadrilhas, dos flertes e dos encontros furtivos, dos beijos roubados num girar qualquer de um carrossel dos ares. Lembranças gostosas do tempo dos tempos, do viço da idade que se esvai mais e mais, da leveza d'alma e do levitar do espírito, dos dias e das noites daqueles inícios! Esperanças a povoarem a força do pensamento, promessas vãs, nunca cumpridas, vontades guardadas e desejos reprimidos, recalcados tantos! Descobertas

mil, de sentimentos emergentes e de carícias bem cuidadas, de afetos e de afagos, da saudade que foi surgindo logo, logo!

E a minha juventude? Começo difícil da arte do existir ou do exercício do viver, recomeço, muitas vezes, reflexões impostas à consciência no julgamento pessoal, rigor nas interpretações dos gestos, dos atos e dos fatos! Contacto com o bem e o mal, a saúde e a doença, a morte, enfim. Identificação pesarosa do caráter de outros, dos semelhantes que trazem a inquietação e o desamor, artífices das desuniões planejadas, que de nada gostam e por ninguém suportam nutrir o sentimento maior. Falsos e desleais! Empregos conseguidos às custas de um esforço enorme, salários em baixa sempre, inquietudes assim, de natureza pecuniária, as compras do mês comprometidas e as aquisições maiores adiadas! Sonhos desfeitos e devaneios perdidos entre os percalços sentidos! Talvez, nem queira voltar às experiências de jovem!

As minhas gostosas saudades são aquelas, as da infância e as da adolescência, quando o meu ser viveu a completude do tempo! Por isso, nesta nublada manhã de um sábado qualquer, em minhas férias regulares, retorno nas décadas e no século e vou pairar nos meados dos anos cinquenta ou nos inícios dos mágicos dias de sessenta, resgatando pretéritos e retomando passados. Sou um nostálgico, pois! Executo a sinfonia das voltas e tomo assento nos antanhos vividos. Viro menino de calças curtas e me visto, em seguida, com o velho brim coringa não encolhe, uso as alpargatas *Rhodia* dos agrados de minha tia velha. O grupo escolar e o colégio, a rua de casa e a festa do parque, os passeios no Quem-me-quer e as fantasias do cinema, um abraço e um beijo! Abro a caneta *Compactor*, vou escrever, afinal, as letras de meu futuro, que é o hoje dos meus dias.

Feliz século aos homens de boa vontade, aos que têm gostosas saudades!

Uma Sereia no Timbó

Aqui, às margens do Timbó, onde as águas do rio se entregam à enormidade maternal dos mares, a madrugada pariu o dia e a manhã ganhou os ares nos braços do astro que é rei, depois a tarde embalou a noite, trazendo outra vez a negritude das trevas. E a noite se foi, parindo outro dia! Eis a metamorfose do tempo! Um pescador muito velho, de barbas longas e brancas, tomou a jangada bem usada e se fez ao mar, jogando, seguidamente, a rede, de cujo conteúdo há de alimentar a família. Outro, pisando as areias cálidas da praia, tão alvas quanto a pureza do lírio, de tarrafa à mão, reunia no samburá já surrado as espécimes que podia, de tainhas fresquinhas, fresquinhas. O forasteiro, sentado ao largo, vestido à moda urbana, de camiseta estilizada, com inscrição posta na língua lá de fora e de sandálias cobrindo os pés, assistia a tudo isso. Via as mudanças e as transformações, qual observador do cotidiano, anotando vivências e convivências, com as águas sobretudo. Nos dedos contou os barcos e passou de dez nesse exercício, contabilizou gente que ia adentrando as águas, cumprindo o desiderato milenar de buscar nessas intimidades o pão de cada dia. Aceitou o cumprimento respeitoso do caçador de lagostas, de ferro afiado pendendo do indicador e com o apetrecho destinado à sua própria flutuação: “Bom Dia!” E o imaginário soltou-se, libertou-se das amarras que a intelectualidade pode trazer, para rever o tudo e o todo, dali e de fora, do presente e do passado, permitindo-se indagações sobre o futuro.

Como era diferente ele – o forasteiro –, daquele povo simples e aparentemente sem complexos e sem neuroses que por ali passava, livre das injunções sociais, de preceitos e de preconceitos! Ficou filosofando assim ou matutando apenas, sentado como estava, mantendo a sua condição de invasor daquele ambiente tão sagrado e tão puro. Com o calor da manhã e com o sol a pino, viu as lanchas sofisticadas roubarem as águas alheias, provocando ondas no mar, querendo repetir espumas que na beira da praia beijam as areias, deixando telúricos ósculos. Assistiu o desfilar de outros forasteiros, veranistas também, de coloridos trajes, falantes e desinibidos, com intenções modernas de relax e de outras práticas. Furtam, na verdade, os ares que desses nativos sempre foram!

Passaram e sujaram, fizeram de seus luxos os lixos daquele canto, um recanto, ainda, das reflexões de Deus. Vieram das paragens sulinas, a tirar pelo sotaque de todos e pelas conversas que vão fiando, trouxeram a fadiga internalizada na bagagem e largaram por cá esses restos de civilização, contaminando o tempo e maculando o espaço. Promoveram no povo daqui mudanças de hábitos, desusados dantes. Pescadores transformados em guias de turismo, carregando pra lá e pra cá gente de fora, em passeios à Ilha de Itamaracá ou à Coroa do Avião. Homens mais velhos com os barcos ancorados, oferecendo passeios, à prainha dizem, seduzindo os outros, como se faz na cidade.

Mas, é do mister de quem observa, anota e vai se permitir a criação do texto, no transbordar do coração diante da inspiração, como agora, madrugada quase de um sábado, aproveitar-se de um cumprimento e fiar conversa, de logo. Como estava o movimento de turistas mandados de São Paulo e do Rio, de outros lugares também? Ruim, respondeu o homem, pescador por profissão e guia por precisão! Depois que fechou o hotel, fugiram daqui os viajantes, foram parar noutros lugares, explicou, justificando! E ficamos a ver navios, disse, fazendo metáfora com as coisas do mar. Tocou a falar de suas experiências, depois que a civilização aportou nessas bandas e o simplesmente nativo foi se adaptando ao inteiramente novo, uma figuração do desenvolvimento emergente. Vira de um tudo por cá, do comum ao inusitado, gente que vai chegando e se deslumbrando com a paisagem do mar, cujo horizonte beija as águas ou com a beleza do coqueiral, no balanço mais do que cadenciado das folhas, ao sabor lúdico dos ventos de janeiro. O coqueiro é a árvore do adeus, as suas palhas se despedem, o tempo todo, do viandante que se vai, entrando nas águas em direção às funduras do mar! E o que mais lhe impressionara nesse tempo das novidades? Confessou, então, a sua perplexidade quando nas águas do rio Timbó viu, depois de trinta anos se pouco, a sereia de seus devaneios e de seus sonhos emergindo, sorrindo para o mundo. Não se falaram, complementou, porque perderam a intimidade, sem precisar aludir a Fernando Veríssimo, mas filosofando à sua maneira! Entreolharam-se, somente, nada mais!

E para findar a crônica no melhor dos estilos, passou Vando, que da peixaria é o dono, esquipando no alazão tupiniquim, manga-larga da

periferia, deixando um dourado aqui e outro ali, um serra para o irmão Getúlio e uma cioba para o escriba. E para Capiba, conterrâneo de Surubim, a prece a Maria Betânia, entoada sob a sonoridade das ondas! E Beto da Goiabeira, que do frágil arbusto caiu em seu primeiro alumbramento, sem invocar o poeta do rio das capivaras, aprendeu de Bandeira os versos cantados na Várzea, dos encantamentos primeiros!

Ode à Gordinha

Quando eu era menino, nos idos e muito bem vividos anos cinquenta, havia um culto sistemático à mulher gordinha e ao mesmo tempo fofinha, generosa de busto e larga de quadril. Hoje a coisa mudou, pelo menos é o que parece, o gosto passou à magricela, para a manequim de desfile de modas, caquética estilizada. Isso é coisa de estilista – só pode ser! – porque à mulherada de pernas grossas, de ancas bem cuidadas e de seios fartos, toda gente tira o chapéu. Em particular tiro eu, mais de trinta vezes, principalmente se a figura dos trinta também passou e carrega nas costas mais cinco anos de contrapeso. Quanto mais velha melhor, ensina cunhado meu, especialista nas coroas da vida.

É sobre isso que falo, das gordotas bem parecidas de meu tempo juvenil, destronadas hoje em dia por intrigas da oposição. As magrelas se juntaram e uma campanha criaram, reprimindo a gordura e apertando a cintura. Conversa pra lá e conversa pra cá, botaram de escanteio o culote e a celulite, sem que imaginassem o quanto os homens maduros, mas os jovens também, gostam desses recantos. Toda essa coisa por quê? Desconhecem os grandes quadros, há tantos anos expostos nos museus do Velho Mundo? Ou nunca viram as musas de meus tempos de menino? Sem culote e celulite, mulher não é mulher, é bicho papão que assombra de dia e ataca de noite.

No quintal de minha casa, num velho quaradouro – havia esta peça em toda casa – diante do galinheiro, sentaram-se grandes figuras, sem que o galo soubesse ou a galinha desse conta; gente branca arabizada, vinda dos limites com o Agreste ou negra, bem preta, desalojada da Mata com medo da fome. Maria de Camocim de São Felix, alva, danada, do nariz de patola, do busto furando a blusa, naquele movimento pendular, cuja aceleração por ser constante marcava-lhe o tecido chulo, esgarçando o pano e o coração da gente. Virgínia, medonha, lá dos Palmares de Zumbi, de pernas tão grandes, tão grandes, cujo fim que era o começo que nunca se viu.

Outras tantas se sentaram às caladas da noite naquele quaradouro de madeira no princípio e todo cimentado depois. Duro feito uma pedra, mas

fofo que nem espuma, quando o menino rompia, nas mesmas noites caladas, consigo e com o pai. Célia foi a última, a derradeira a chegar. Dava trabalho desatar o nó da íntima peça do busto, mesmo a quatro mãos, como nos grandes concertos, quando se toca ao piano outras peças com emotividade assemelhada. Pecinha desalinhada, exceto o seu conteúdo, amarrada, desgraçada, às custas de muitas voltas.

Desapareceram as musas todas de meu viver juvenil, dos meus tempos de menino, encantadas na noite dos tempos. Levaram pra bem longe, bem longe, as qualidades femininas da época: grandes culotes e celulite à vontade, ao gosto do parceiro. Sumiram de volta às origens, em direção à caatinga seca, esturricada ou ao massapê úmido, gorduroso. Restam lembranças, recordações daquilo tudo.

Foi sabendo dessas coisas que primo meu, passeando nas ruas de Londres e vendo postal da década de trinta, no qual está muito bem retratada uma festa do cabide, não teve dúvidas, selou e me mandou. Três gordotas de costas, monumentos à carne, participam do encontro, enquanto isso duas senhoras, distintas e nuas, escondem o rosto amedrontadas com a máquina. Já devem ter passado dessa para pior, mas o retrato ficou, gravando para o resto dos tempos uma cena tão diferente, naqueles anos de rigidez a toda prova. Fui nomeado agora guardião da foto, pelo que a sustento, exposta na porta do refrigerador para a admiração de toda gente.

Fernando de Noronha

Realizei um sonho dourado: conhecer a Ilha de Fernando de Noronha! Embarquei num bandeirante da Nordeste, cruzei uma nesga do Atlântico e cheguei por lá disposto a tudo, pronto para o êxtase do espírito. Tomei quarto em pousada modesta – a Verde Livre –, da Dona Severina Helena Maria, mulher de três nomes próprios, sem sobrenome, mas com a capacidade triplicada, também, de receber. O aconchego do lar, o tempero caseiro e a disponibilidade em servir a toda hora, a todo instante, formam o tripé da hospitalidade dessa pernambucana matuta, virada em ilhéu, sustentada por verdadeiro cotoco, atributo paraibano de ancestrais remotos de quem está sempre alerta.

A Esmeralda do Atlântico é indescritível! Transcende a alma e a pena do mortal comum dado à escrita na forma habitual da prosa, como aqui e agora, pois que só o poeta em versos de boa rima pode exprimir a exuberância e a beleza sensual quase, de recanto assim, virginal ainda. Mesmo a fotografia que é estática ou a dinâmica de cenas filmadas em equipamentos modernos, nada representa. São fragmentos, apenas, de um todo! Somente a perfeição da retina, pela qual responde o Criador, pode admirar, assimilar e gravar criação assim, de perfeição infinita. A intimidade telúrica é o ventre que acolhe a imensidão líquida, deixando brotar, em parições repetidas, instantâneos diversificados da ligação constante, secularmente perpetuada, entre a terra que é mãe e pode gerar e o mar.

Foi assim, no sincrônico embalo da água sobre a areia, sob as vestes puras de tão brancas, de ondas a se espraíarem em sinuosos desenhos, que nasceu o amor daquela loira paulista pelo cafuzo ilhéu. Viu no rapaz a liberdade de ir e de vir a qualquer hora, pra qualquer lugar, segundo o seu desejo e conforme a sua vontade. Admirou a simplicidade do trajar, o jeito de sair andando sem camisa – um descamisado honrado –, metido numa bermuda surrada, vaidoso com os óculos cor de laranja e a pulseira colorida de pano chulo. Despiu-se quase toda, expondo por inteiro o busto – Valha-me Deus! –, em tributo à natureza e viveu a fantasia, o sonho de uma paixão. Depois, no aeroporto, permitiu que rolassem duas lágrimas, a da perda do amante e a do luto que a separação impõe. Retornou à

realidade urbana, inserindo-se outra vez no contexto da cidade grande. Que crueldade!

A mesma coisa se diga, louvando-se uma outra sereia, amorenada e arabizada, hábil mergulhadora, em busca de tocas submersas na praia do Sancho. A água translúcida, absolutamente translúcida, permitia observar o balé ictífico desses espécimes, em tudo coloridos, com todas as cores do mundo, numa homenagem marinha à maior das criações: a mulher. Batendo pernas e braços, mais as pernas que os braços, parecia ao mergulhador neófito munido de óculos de bom aumento a escultura perfeita de artista, também, perfeito.

A despedida de tudo isso, de tanta beleza junta, da natureza exuberante, da loira de olhos azuis, duas contas marcando a face e da sereia bonita, metade mulher e metade peixe, mais metade pra baixo que pra cima, deu-se em manhã de domingo, com o sol forte, a pino o tempo todo. Um passeio de barco, do porto à Ponta da Sapata, com direito ao acompanhamento aéreo de pássaros pescadores, famintos por sardinhas novinhas e com a saudação ruidosa, mas lúdica, de golfinhos engraçados, saltitantes e felizes.

O avião levantou-se no ar, cruzou novamente a nesga do Atlântico e me entregou de volta ao conturbado mundo em que vivo. Depois do sonho dourado a realidade toma conta das horas e dos dias!

Velhos Corredores da Juventude

Velhos corredores estes, os de minha escola, os da antiga Faculdade de Medicina. Corredores de minha juventude, sacrários doirados da prata da vida, de quem como eu continua sendo um corredor de obstáculos, saltando-os a intervalos incertos de tempo. Há sempre mais um, no dia-a-dia da gente! Não os posso percorrer – os corredores –encorpado agora pelo peso da beca e os encargos da função. Adulto, amadurecido no carbureto da existência, trago o cabelo pintando e o corpo vergando; são as marcas brancas das horas difíceis e o sinal incolor, translúcido, da responsabilidade vivida. Vivida com a própria vida, mas vivida também com sofreguidão, com vidas por outros vividas. Ah, momentos de tanta tensão!

Ando um por um os corredores todos, analisando cada recanto: aqui se fiava conversa e ali, numa tarde morna de abril, um amor restou fiado em juras que foram desfeitas e promessas nunca cumpridas. Entro e saio das salas de aula, como se fora, pelo menos em espírito, aqui e agora, o adolescente quase de vinte anos de idade. Faço dessa manhã ensolarada a moldura de uma melancolia consentida. Há tempo pra tudo: tempo de amar o presente e tempo de querer bem ao passado. Não importa que vá a uma reunião – mais uma – dentre tantas de meu ofício. Dispensio hoje, somente hoje, o direito à palavra e ao aparte, como dispensio a questão de ordem e o dever do voto a cada ponto da pauta. Antes, desejo a democracia de meu interior, deixar o pensamento vagar em devaneios, preenchendo esses etéreos e bucólicos espaços, limitados, simbolicamente limitados, por paredes que aprisionam as minhas saudades. Eis o pranto do meu sentido silêncio.

A escola é a amante dos tempos de menino, imaginária, às vezes, como tantas outras coisas neste mundo de Deus, mas bela de rosto e bonita de corpo. Inesquecível, mesmo que envelheça a face e quebre o desenho das formas. O amante que se entrega, depois se desintegra, porém a amada fica no mesmo lugar, impávida, plantada com a força do concreto, assistindo a todos e a tudo em sua volta. Outros amantes chegam e do mesmo jeito, furtivos, se vão! Continuam, à distância quase sempre,

cantarolando-lhe versos de amor, que são poemas da saudade. Vez ou outra, como agora, vivem a fantasiosa ilha do reencontro.

Mas, os meus professores, em grande maioria, estão na tumba, dormem o sono do imponderável. Um ou outro cruza comigo neste caminho do devaneio. Trazem as fisionomias sulcadas de tantas e tantas lutas no quotidiano da vida. Os funcionários também sofreram a estranha metamorfose da existência, envelheceram implacavelmente. Até alguns colegas se foram no éter do desconhecido! Gente nova, ainda, pra entregar ao Criador a alma nascida e criada no dia após dia do sofrimento dos outros.

Corredores repletos estes, movimentados de gente que vai e vem. São alunos que cumprem a transitoriedade acadêmica da vida universitária ou são mestres de gerações recentes, jovens, dinâmicos e apressados, no permanente mister de transmitir o conhecimento. Corredores repletos, mas vazios para mim! Não circulam mais os professores do meu tempo e não há aquela algazarra conhecida do alunato de tantos anos atrás.

Velhos corredores estes, os de minha juventude.

Maria Betânia

Em noite úmida, de chuva intermitente, em pleno coração da velha zona boêmia, onde tantos e tantos amores já foram chorados em braços alheios e paixões desesperadas, mesmo que proibidas, esfriaram com outros abraços, bafejando do caís um sopro friorento de madrugada gestante, Nelson Gonçalves deitou e rolou. Sob as vistas e os aplausos calorosos de prostitutas remanescentes e cafetinas insistentes encantou a toda gente, do remediado da sorte ao ameaçado de morte pela malsinada economia dos poucos, neste insalubre rincão dos passeios de Darwin. E antes que o boêmio chegasse com a maviosa voz das fadas, Eliane Ferraz cantou e encantou também, rebuscando lembranças e revirando saudades. Por certo que a moça, a tirar pelo sobrenome, vem dos sertões esturricados ou das caatingas desnudas cantar loas urbanas, enaltecendo o recanto e recuperando cantos, abrindo com o bisturi da voz feridas mal cicatrizadas nos sentimentos d'alma.

Em trajes de gala para mais uma noite de carinhos vendidos e afagos medidos, três mulheres, meninas quase, desfilavam garbosas por entre o povo comum, dando ao corpo uma trégua que fosse à guerra dos desamores. Prontas estavam para o ofício antigo, de roxo todas, com adereços doirados, preparados para o mais difícil dos labores, entregar-se, sem amor e sem ódio, à gana desenfreada dos machos vencidos pelos reclamos desgraçados da carne. Afetos nascidos da precisão do metal, paridos sem gosto, no desgosto medonho de não ter profissão, senão aquela, a de dar sem receber, de amar sem ser amada. Depois, no amanhã dos tempos, quando o peso dos anos vergar os ombros e pratear os cabelos, é hora do desprezo dos homens. Quantas e quantas já se foram, tangidas pela indiferença humana, chorar desgraças em lágrimas sofridas da solidão? marias, com a mais absoluta das certezas, muitas, severinas outras tantas, mas sebastianas, marinas, ritas e ivonetes também! Deixaram, no sinuoso trajeto do existir sem que pudessem viver, sombras nada mais, de faces moldadas na argila da beleza e réstias de corpos bem desenhados, traços mouriscos da miscigenação tupiniquim, entre brancos de linhas avantajadas e negros nascidos no mais puro pretume d'África. Seios que embalaram sonhos, oníricos ou não, em devaneios momentâneos, pagos

sempre em moeda corrente, como se a fantasia pudesse emergir de águas assim, turvas, na sujeira que o dinheiro tem e produz.

Na minha frente um senhor, moreno na tez, de têmporas colorindo os anos, entusiasmado, ouvia as cantigas todas, exagerando-se em palmas, como se aplaudisse o tempo perdido, num rever de um filme tantas vezes mostrado, exibindo saudades na tela da vida. Pedia, a toda hora, transformando em conchas as mãos, para gritar mais alto, a letra de suas preferências: “Maria Betânia”. E quando Nelson cantou, abriu-se em pranto baixinho, sem incomodar os outros, chorando certamente um amor partido e perdido, deixado pra trás nos espinhosos caminhos do afeto. Deu vontade de perguntar, de indagar com respeito: a quem tanto amara? De saber dos lugares de que se lembrava? Fora gente do caís? Ou fora gente de outras paragens que não lhe entendera os sentimentos e não lhe compreendera os desejos? Branca, talvez, com preconceito de cor ou negra, morena ou mulata? Não sei, não perguntei, não pude, impediram-me os céus, molhando a gente e dispersando o povo. Tantos os que andam assim, vivendo de recordações, buscando aqui e ali uma brecha de vida pra caber lembranças! Momentos assim, preenchidos com notas musicais do amor, ocasiões meritórias das fantasias de um reviver, apenas!

Ah meus tempos, meus amores e minhas dores! Ah meus sentimentos, expostos agora na beira do caís, embalados nas ondas do mar das ilusões, oceano das lembranças, águas paridas das intimidades atlânticas, regidas pela batuta desses imaginários exílios do tempo. Eis a crônica de um reviver, oferecida, como todo o amor do autor - platônica digressão esta, a de amar a toda gente -, à solidão feminina, às mulheres que amaram e amam, perdidamente, o encantado príncipe dos anos.

Deus guarde “Maria Betânia”, a de Nelson e as outras, incluindo a prima do escriba aqui, vizinha quase e todas as marias do mundo.

Conversa de Fim de Noite

Em mureta de contorno de prédio construído em dias da modernidade já, no Bairro do Recife, onde tudo remete ao passado, a velha prostituta fiava conversa com parceiro igualmente antigo, revivendo outros tempos. De cabelos ralos e louros, às custas da milagrosa água que doura o piloso manto feminino, dando graça às moçoilas em flor, vestiu-se com o melhor do que dispunha e se cobriu com longo casaco de frio, prevenindo-se do malfadado vento encanado, nascido nas entranhas do porto. E com uma toalha muito usada de se enxugar no banho recobriu as pernas, isolando-se dessa forma do mundo todo. Tinha a pele vincada pelas marcas dos caminhos e dos descaminhos, sulcos dos espinhos sem a trajetória dos ganhos. Mesmo assim recebeu o senhor de tez negra, vindo por certo das periferias urbanas para aquele centro citadino, recuperado graças às interveniências do alcaide, acolhendo-o na sala de visitas do recanto, um canto de muitos encantos. Viajaram no tempo, em busca das histórias vividas e revividas naquele instante mágico do reencontro, aprazado às vésperas, para que fossem recuperadas, na distância dos anos passados, vivências e convivências a dois, na alegria sepultada agora em tumba das saudades. Lembravam de tudo, das ambiências e dos amores, das músicas e das dores, dos afetos e dos desafetos, de afagos até, nascidos no embrionar dos sentimentos, ao som da música lenta ou dos acordes de um tango qualquer.

Testando o velho parceiro, a sua memória dos tempos idos e a sua capacidade de fixar momentos, indagou se lembrava em detalhes das noites no *Chanteclair*? Ora, respondeu, como esquecer daquilo tudo, da radiola de fichas tocando, dos pares se abraçando em rodopios no salão e das escapadelas aos quartos, para um quarto de hora que fosse, nos enlances desses amores de ocasião! Jamais! Tanto é, complementou, que antes de estacionar o veículo de que se vale nesses dias que correm, depois de anos e mais anos de trabalho, circulara por lá, nas imediações da velha casa, sem poder ouvir os acordes dos antanhos, exauridos como estão nos ares das lembranças. Mas, deixou o toca-fitas do carro executar Gardel! Escutou a tudo com a atenção que a ocasião exigia, sentindo uma lágrima rolar pelo canto da face e pôde reviver os anos! Pôde rever marinheiros

vestidos com a pureza do branco, tomando pelas mãos as damas de então e no largo salão das danças marcando os passos do ritmo, em amplexos precursores dos gestos, dos fatos e dos atos sobretudo. Onde andaré toda essa gente, perguntou? Aparecem por cá, vez ou outra, como fazia ele próprio, ampliou a indagação? Não, senão raramente, respondeu a mulher! Muitos estão postos no muro das lamentações, tomados pelos achaques da vida e outros aposentados do tudo e do todo, dispensados assim dos outroras da vida!

E as companhias femininas daqueles anos, indagou mais uma vez? Desejava recompor as cenas, buscando nas coxias do hoje figurantes tão ativos de alegres encenações. Sabia de uma ou de outra, apenas! De Maria da Anunciação tivera conhecimento de logo, quando nos idos de sessenta deixara a casa e a zona por Antônio Maria, embarcação de passagem, enlouquecido pelo porte da morena matreira! Mulher de feições largas, rechonchuda de corpo, fazia com as cadeiras o acompanhamento cadenciado da música solta nos ares, de um bolero que fosse, como se de seus quadris emergisse a batuta de um maestro ou de um samba moroso, parindo saudades! E Maria Pureza, acrescentou, que só tinha pureza no seu sobrenome? Merecedora do cognome porque pecava, mas pagava a penitência, devidamente, segundo os preceitos e dentro do que lhe mandava o cura da Matriz. Contava ajoelhada as proezas todas das noitadas na zona, incitava até a certos devaneios o jovem padre, mas agüentava o repúdio das leis, feitas pra reis, dizia muitas vezes, não para a fragilidade da carne de mulheres simplórias, como ela mesma. Casara, soubera, fixando-se em cercanias do Mercado Público pras bandas de Afogados e no bairro não aparecera mais, apagando as lembranças e as faltas!

E quando a hora avançou, o parceiro de velhos e já muito distantes anos levantou-se. Afinal, tinha casa e tinha filhos, grandes é bem verdade, barbados todos, mulher a quem cuidar e netos a quem mimar! Tirou do carro um saco de pipocas e deu à companheira de seu passado, ligou o motor, manobrando o veículo e lá se foi, para a rotina da vida. A loura se assentou no banco da praça, enrolando-se, mais uma vez, com a toalha de banho e tirando as pipocas do saquinho, uma por uma, mastigou a solidão desadorada, lentamente! Pra não se dar por vencida ou pra não perder os

hábitos daqueles antanhos, chamou pelo nome o flanelinha da esquina, menino nos seus vinte anos, convidando-lhe ao deleite de sua alcova carcomida, mas de todas as experiências. Dispensou resposta e só, sempre só, aguardou o movimento exaurir-se, para se exaurir também na finitude de seus tempos!

O Mercado Público

Era um homem de meia idade, todo vestido de branco, até o sapato tinha a mesma cor, chegou no box do queijo e pediu: “Um queijo de coalho sem sal, velho e curtido!”. O vendedor e imagino que dono do estabelecimento comercial, respondeu sem mais delongas: “Só tenho queijo novo!”. Mas, ficou resmungando dois ou três minutos: “Cada qual com sua mania!”. Ora, comprasse o produto ainda novo, levasse pra casa e deixasse ao sol, assim curtiria o queijo e comeria a seu gosto, complementou, na ranzinze de seu gênio. Sucede, porém, que não fui ao mercado público para chafurdar a vida alheia, tinha ido – isso sim! – comprar a cabidela do almoço e trouxe pra casa um frango grande, pesado e com aparência de macio, que alimentou a família inteira. Pedi uma galinha caipira, da qual gosto que me enrosco, mas não tinha. Tinha uma matriz, enorme e dura. Não presta, imaginei!

Aprecio o ambiente do mercado e vez ou outra tomo por lá um café da manhã, a título de desjejum, no qual vem a macaxeira cozida, fumaçando ainda e a carne boi cozida. Pode-se escolher, à vontade do freguês, a charque ou a carne de sol, o cuscuz ou o cará. Sentado à mesa compreendo um pouco do tudo que se passa por ali. O papel do vagabundo que se levanta logo cedo do banco da praça, lava a boca na torneira de uso comum, toma os primeiros goles d’água e vai degustar a lapada dos começos de mais um dia, a aguardente pura, da qual tira a parte do santo, como se santo bebesse. No banco do balcão do restaurante, tosco e rude, conta o que pôde amearhar no ontem dos tempos e pede um café, também, até onde pode com as suas economias de um cotidiano ameaçado. Volta à praça e vai preencher com o nada das coisas a sua manhã e a sua tarde, pra novamente deitar-se no banco de madeira dura.

Alguns conhecidos e muitos desconhecidos fazem a feira das verduras e das frutas, o sábado tem essa cara, a da beterraba e a da cenoura, a do chuchu e a do maxixe, a do jerimum e a do quiabo. O feijão verde debulhado na hora serve de complemento à galinha, a manga adorna o prato e faz a festa, o suco e o degustar solene da polpa que mancha de amarelo a boca do penitente e deixa tingidas as mãos e as unhas. Para terminar tudo, só um doce de goiaba em barra, desses crocantes, bem

açucarados; doce de goiaba em barra com farinha do pote, branquinha, branquinha. Tudo isso me agrada, porque desde cedo ia à feira de Santo Amaro das Salinas com a minha mãe, voltando com o homem do balaio, cujo cognome era “Pássaro Triste”, apelido que meu pai deu pelo semblante inocente e amargo da criatura. Andava barraca por barraca vendo de um tudo e parava naquela dos carrinhos de madeira, apreciando o artesanato que tanto me encantava.

Dessa vez levo filha minha que da Espanha chegou e pra lá há de voltar, Fabiana de prenome. Estuda as marcas no corpo, de cá e de além mar, tatuagens e outros sinais perpetuados na pele. Termina um doutorado que começou aqui, pelo Recife e com a tese vai ter um título tupiniquim e outro de todas as europas. Ocupou-se em tirar fotografias dos boxes apinhados de apetrechos, os domésticos e aqueles pessoais, da individualidade da criatura ou da intimidade do ser humano. No mercado de tudo se encontra um pouco, a verdura e a fruta, a carne verde, como se dizia outrora e a carne de sol, curtida feito o queijo dos desejos daquele homem, o peixe fresco e o camarão das águas quentes do Atlântico. Melhor o miúdo, o sarapatel de encomenda ou a dobradinha exposta no balcão.

E assim, flanando, o sábado se esvai, ameaça com o domingo e a segunda-feira amanhece. O Natal chega e as elites se confraternizam, comem e bebem, dão gargalhadas enormes, enquanto os excluídos sociais choram a dor do vazio de todos os estômagos. E o Cristo, que é Deus, não nasceu numa manjedoura? Por que os pobres não participam do grande banquete da noite sagrada? Porque o homem desprezou o semelhante e dividiu em castas a sociedade! Há os incluídos, os ainda incluídos e esses, os excluídos de tudo!

A Sapatilha de Ponta

Retomo sempre que posso o início de vida de cada uma das minhas filhas, recordando o primeiro choro que ouvi, de cada uma separadamente na sala de parto. Gosto de parar e notar o quanto progrediram! Fabiana chorou logo, Patrícia demorou e levou umas palmadas nas costas, mas pronunciou-se fortemente, fazendo o avô, na sala de espera, dizer: “Pelo choro, será tão inteligente quanto a outra!”. Digressão psicológica tirada, talvez, em conversa de calçada com Sylvio Rabello. Depois, Carolina nem queria sair da barriga, fazendo Jorge Regueira rebuscar o ventre à procura dela, mostrando quando quis e bem entendeu o pé, veio à luz de cabeça para baixo. Chegou e chorou, deu o grito das outras, igual ao de Fabiana e tão estridente quanto o de Patrícia.

Agora, já estão todas mais na frente! Fabiana rodopiando no balé, calçando a sapatilha de ponta. Chega do ensaio, conversa com Catarina e Karina, confessa: “Vou tirar um retrato com a minha sapatilha de ponta!”. Depois, volta-se para mim e define, deseja - isso sim! - substituir a foto de seu quarto de uma bela moça atacando a sapatilha por seu próprio retrato. Concorro e me disponho a ser o fotógrafo oficial do grupo!

Patrícia ingressa na adolescência, pelo menos pretende isso e aparece no *Shopping Center* todos os sábados para fazer o *footing*, como dizem os do meu tempo, imitando os americanos, e não gosta ela que se fale agora. Vai e volta, anda pra lá e pra cá, paquera de um e de outro lado, mas vez ou outra é tomada pelo desejo infantil, pede dinheiro e monta o cavalinho que sai rodopiando no salão.

Carolina é pixote, agarra-se à boneca, instala-se na casa dos sonhos de criança e tome briga com Catarina. Mas, se Catarina não vier, a boca vai lá embaixo e a chorumela é grande!

São três meninas diferentes, três cabecinhas completamente diversas, uma quase moça, outra forçando a chegada, embora presa na brincadeira da idade e a pequena, sem saber das paqueras da vida, agarra-se com a boneca e se encanta com as histórias das fadas e das bruxas.

Eu virei motorista, levo Fabiana e trago Patrícia, secretariado, sempre, por Carol, que diz: “Painho! Menina pequena pode ir?”. Se disser que pode ela vai, se falar que não, ela fica, imperturbável, tranqüila. É programa de toda ordem, festa de aniversário e festa sem motivo! O carro abarrotado, gente por todo lado! Aí, Catarina me explica que Pedro – o pai –, não pôde vir, ocupado como está no Palácio do Governo. Digo eu, então, a ela: “Seu pai é um fidalgo! Nasceu em tempo errado! Elegante como um Prefeito, mas simples como Pedro, o pescador da Galiléia!”. Ela não entende bem, mas garante que vai dizer ao pai!

Fabiana divagando, qual bailarina no palco, confessa ao meu ouvido, satisfeita e vibrante, quase gritando: “Painho! Quebrei a sapatilha de ponta!”. “Ah, meu Deus, não me diga uma coisa dessa!”. Tem que quebrar, mesmo, é a explicação que recebo!

Eis a vida de pai, em três idades diferentes!

** Texto escrito na adolescência da filha mais velha, na pré-adolescência da segunda filha e na infância da terceira.*

Cidade Luz

Sentado em velho banco de madeira, no *Quai de la Seine*, espero por ela, por minha filha, a primogênita, que nessas distâncias parisienses faz o aprofundamento científico de que necessita ou do qual se ressent. De repente, não mais que de repente, a descortino de longe, vem depressa, divisando com os olhos todo o espaço em volta, vendo no adiante de seu caminhar se identifica pai e mãe dentre os passantes igualmente apressados, buscando as origens, por certo! Afinal, nos encontramos e se as lágrimas marejaram a visão de todos, os abraços mataram as saudades de dez meses de isolamento parental. E à beira das águas, num devido tributo aos afetos, fiamos todas as conversas do mundo, atualizando a vida, de um e de outro lado deste planeta de Deus e dos homens. Ora, há muito o que tirar dessa viagem que fiz, imagino, como conclusão dos meus dias de França e de um final de semana em Londres!

A primeira de todas as lições é aquela de que os filhos, paridos à beira da cama e criados com mimos e carinhos, nascem para um novo existir, para a largueza do mundo. Ora, tendo vindo à luz na simplicidade tupiniquim do Recife, pras bandas de Casa Amarela, adotou, temporariamente parece, a Cidade Luz para viver. E o faz, agora, com a desenvoltura de qualquer parisiense, dominando costumes e hábitos, falando a língua e se comunicando, sem as dificuldades mais que os começos impõem. Anda pra lá e pra cá, de trem sob a terra ou de ônibus na superfície das ruas, estuda e se prepara para a formalização de uma pós-graduação, planejando teses cujas hipóteses estão nos princípios de sua formação! No apartamento de alguns apertos domina a cozinha, do café à massa bem cuidada, da feijoada nacional à carne mal passada! Lava e engoma, varre e arruma! Sofreu, pois, a metamorfose da civilização, assumindo a vida por inteira!

Num segundo momento desse aprendizado em terras do Velho Mundo, falando com Fabiana ou fiando conversa com Jair Carneiro Leão, que nas paragens londrinas engrandece, também, o nome de Pernambuco, vejo que muita coisa mudou! Mudou, mas repete, de certa forma, o que noutros tempos se passou! É que lembrei de meu pai – Nilo Pereira –, fazendo alusão nos anos de minha infância aos seus tios, alguns educados

na Inglaterra e outros que estudaram na França. E duas gerações se passaram, de perdas – quem sabe? –, dos poderes econômicos ou dos recursos financeiros, para se repetir o ato e o fato desses aprimoramentos em terras de além-mar! É um questionamento histórico recente ou uma inquietação sociológica contemporânea! Teve relação, certamente, com a *débâcle* do açúcar, que na família de meu pai fez quebrar o bisavô e o avô, falindo uma geração toda?

Deixo Paris e deixo Londres com o orgulho do provinciano que assiste à filha e ao amigo, de um lado e de outro do Canal da Mancha, sorverem ciência, cultura e arte nas origens do conhecimento humano. Volto porque essa minha geração aprendeu a cultivar raízes que se fincaram na terra em que se nasce. Quem sai, todavia, não é assim, supera as distâncias e ultrapassa a manjedoura de onde veio, vai adotando o mundo, crescendo e se desenvolvendo, para o bem pessoal e da humanidade inteira. Para o bem de Pernambuco, sobretudo, onde as antecipações científicas do passado sustentam este presente do hoje, do aqui e do agora, alicerce de todos os futuros. Deus abençoe Fabiana e com a devida permissão de Edir e de Amélia, a Jair, também, para que possam retornar da Europa na santa paz dos bons.

Quando o avião fez carreira na pista e se alevantou nos ares, não pude deixar de assistir, no meu imaginário apenas o filme de vida de Fabiana. A hora do nascimento e o choro forte, as primeiras letras e os receios dos inícios, a sapatilha de ponta e as danças bem ensaiadas, a faculdade e as láureas – duas vezes laureada na Unicap –, os acertos e os desacertos, enfim, de vinte e cinco anos de existência, cuja coroação enxergo como espectador participante, interativo diria, para usar a linguagem da pós-modernidade. E como se não bastasse a minha reflexão, no cinema da aeronave um pai disse para o filho: “O futuro nem sempre acontece como se pensa aos dez anos de idade!”. E é isso mesmo! Ninguém imagina o que há de chegar nos anos do porvir e de nada serve programar e reprogramar! A vida dos filhos aos filhos pertence! A felicidade, cada qual persegue como acha que deve, escolhe os caminhos e faz os atalhos, cursando a estrada do existir!

E viva eles dois, a filha e o amigo, separados pelo grande canal, que hão de partilhar o futuro do qual tenho saudades, confesso! Ah, como gostaria de nascer no hoje do tempo!

** Artigo publicado depois da visita à filha mais velha (Fabiana) em Paris, em sua primeira estadia fora do Brasil.*

Várias Aproximações

Quando cheguei ao prédio da Real Academia de Medicina e Cirurgia de Sevilha, confesso que me admirei com a grandiosidade do lugar, não tanto pelas dimensões físicas do recinto, mas pela beleza ou pela nobreza das acomodações. Fui recebido numa sala imperial ou numa sala eclesial. Uma coisa e outra ao mesmo tempo. No centro do salão a mesa da presidência, como se fora o altar das celebrações, estava coberta por um atoalhado vermelho vivo, rubínico, cardinalício, no qual duas fitas douradas quebravam a rigidez do encarnado e davam um colorido especial ao conjunto, emoldurando o escudo da Casa, posto ao centro. O plenário e a tribuna de honra, da mesma forma, completavam a pompa com iguais tonalidades. Das paredes pendiam quadros pintados em diferentes épocas, retratos de monarcas e de importantes figuras da sociedade hispânica.

No momento em que o Presidente, o Dr. Jaime Rodriguez Sacristán, me deu a palavra, senti o peso dos três séculos ou senti o peso do pioneirismo da Real Academia, a primeira em toda a Espanha. Fiz questão de começar citando o poema que o nosso Jorge Benjor tão bem sabe entoar: “Moro.../Num país tropical/Abençoado por Deus/E bonito por natureza (Mas que beleza!)”. Fiz questão, também, de buscar certas aproximações entre Pernambuco e Espanha, sendo impossível deixar de aludir à passagem por cá do navegador Vicente Yañes Pinzon e especialmente foi impossível omitir a devoção de João Cabral de Melo Neto á Sevilha de tantos encantos. E foi o Presidente quem fez questão de lembrar que o nosso Estado não está tão distante como pensam os espanhóis, mas é o primeiro ponto a ser tocado nos vãos comerciais. Ninguém sabe de Pernambuco nem do Recife por lá!

Falei naquele púlpito de trezentos anos sobre a situação do Brasil, de um tempo duplo que se vive; enfrentando na mesma hora as doenças do desenvolvimento e os males do subdesenvolvimento, da pobreza e da incúria. Mostrei o tributo que se paga todos os anos às afecções cardiovasculares, mas não esqueci de apresentar as minhas inquietações com a crescente criminalidade, que humilha o cidadão e o afasta do convívio social. Lembrei que na mesma região em que Pinzon desembarcara, o pesquisador pernambucano Nelson Chaves descreveu o

nanismo rural, contrastando os homens do hoje com aqueles dos anos 1500, fortes e hostis, como aludiu o navegador, comparando-os aos germânicos. Tratei do esforço que se faz, o governo e o povo, para vencer a violência urbana, a partir de um colegiado voltado para a paz – o Conselho Estadual da Paz –, cujo papel principal é o de exercer o controle social das polícias.

Concordei de pronto com a idéia do acadêmico José Antônio Souto Ibañez, diretor de pesquisas de um hospital em Sevilha, a de promover, de forma tripartite – as duas academias e a UFPE –, um programa de atualização em gestão da saúde. Com isso pretende – ou pretendemos – juntar esforços para assistir a uma desejada implantação do SUS no Nordeste do Brasil. O Sistema, em que pese a quase perfeição da filosofia, nunca pôde se estabelecer como universalizado e equânime, descentralizado e hierarquizado. Infelizmente, há diferenças na atenção à saúde da gente brasileira. Uma coisa é dispor de recursos e pagar um plano de saúde e outra é depender das unidades públicas. Em Sevilha, uma malha de hospitais de alta resolutividade se constitui numa rede periférica e dá conta, em grande parte, da demanda. É o que se vislumbra por lá, no nível secundário da atenção, com um poder de resolução da ordem de 80%.

Vale destacar, por fim, que o mesmo acadêmico – o Dr. Ibañez – foi o responsável pela lembrança de que uma aproximação do Recife com Sevilha, na perspectiva do poeta João Cabral de Melo Neto, só poderia trazer benefícios às duas cidades. Sobre isso, aliás, já fiz comunicação ao Conselho Estadual de Cultura e tendo encontrado o Presidente da Academia Brasileira de Letras em escala lisboeta, igualmente, tratei do assunto. Em ambos os fóruns há uma receptividade larga e é possível que tenhamos, dentro em breve, mais dois burgos irmãos.

Assim seja!

** Artigo sobre a Real Academia de Medicina de Sevilha, depois de assinar um convênio de intercâmbio com a Academia Pernambucana de Medicina de Pernambuco.*

Os Corredores de Sevilha

Estive em terras de Espanha, convivi com a paz de espírito de um povo nas cercanias de Madrid (Navalcarnero) e num templo do século XVII casei uma filha, a primogênita de minhas meninas. Vi o Escorial e viajei a Toledo, andei por Sevilha e me hospedei em Granada. Prestei atenção a tudo e a todos, aos hábitos e aos costumes, à alimentação da gente que me cercava e aos detalhes da vida de cada dia. Tive a sorte de ter sido acolhido em casa de meu genro, de ter sido recepcionado pelos pais dele e pelo irmão, o que me permitiu um contacto direto com um cotidiano diferente. Cotidiano, por exemplo, sem o auxílio tão comum por aqui, o da empregada doméstica. Custa caro contar com esta ajuda em casa, € 800,00 mensais, pelo menos. Assim sendo, todos trabalham e todos ajudam nas tarefas domésticas. Das pessoas que conheci apenas uma disse dispor desse serviço, dos préstimos de uma colombiana, imigrante, pois.

Faz gosto, todavia, encontrar dezenas de idosos, a qualquer hora, do dia ou da noite, circulando nos passeios, nos restaurantes ou nos cafés; faz gosto sabê-los respeitados, com direito à assistência médica, aos produtos farmacêuticos e aos procedimentos todos da medicina moderna. Ou faz gosto ouvir, como sucedeu comigo, de um grande cirurgião, envolvido com programas de transplantes, que não faltam doadores. A situação, por cá tão difícil, de se declarar capaz dessa cessão em tudo humanitária, é universal ou quase universal, por lá, foi o que me disse o médico, atualizando os cálculos das centenas de remoções e de implantes que já fizera. Os maiores, como são chamados os mais velhos, têm acesso até ao lazer das viagens, à gratuidade das passagens entre os estados ou as províncias, foi o que me contaram e tudo por conta da previdência, disseram.

Ali, como cá, os jovens dão trabalho e fazem do fim de semana uma farra só, da sexta à noite à segunda bem cedo. O governo, porém, proibiu, rigorosamente, o comércio de bebidas aos menores e estendeu a proibição a todo e qualquer cidadão depois das 22 horas. Vi isso em diversos postos de gasolina, nas lojas de conveniência, em avisos cujas letras eram garrafais. A polícia confere as notas de compra e os horários, punindo os estabelecimentos em caso de descumprimento da norma legal. Admira, no

entanto, saber que a violência contra a mulher representa uma questão séria e tem sido mais freqüentemente registrada na população migrante. Talvez, o desespero das distâncias, a instabilidade social e o desemprego, sem falar na perseguição da fiscalização, podem estar por trás de comportamento assim, preconceituoso e agressivo. A verdade, porém, é que nem tudo são flores no jardim de Alá.

Uma coisa que me impressionou vivamente foi a destinação dos prédios históricos, todos ou quase todos ocupados por repartições públicas ou por grandes empresas, como os bancos, por exemplo. Isso tem possibilitado a manutenção do acervo patrimonial, sem grandes problemas. Não basta tombar, declarando o valor da edificação em relação ao tempo e a sua importância na formação da nacionalidade, há de se ter uma adequada finalidade para o imóvel. Agora mesmo, trabalha-se no Recife a questão do cinema São Luiz, ameaçado de fechar e acolher uma igreja qualquer dessas novas seitas ou um bingo que seja. Uma sala de projeção que encantou várias gerações nesta cidade; a sala e o entorno, a rua da Aurora, sobretudo, com o Quem-me-Quer de tantos encontros ou de tantos desencontros.

Sevilha – ou Sevilla – foi para mim o lugar da pompa e da circunstância, uma vivência diferente na nobreza da Real Academia de Medicina, onde firmei um acordo de cooperação com a nossa Academia Pernambucana de Medicina. Lugar solene e grandioso, da gala e do esplendor. Foi ali que falei, em nome da ciência de meu lugar e em nome de minha cidade e de meu estado. Por isso, foi impossível esquecer João Cabral de Melo Neto, que amou a terra espanhola, recomendando: “Há que sevilhizar a vida. Há que sevilhizar o mundo.” As ruas do recanto são como os corredores de casa, disse o poeta.

Eu volto lá!

** Um quase diário sobre a viagem à Espanha, enfocando sobretudo Sevilha, onde João Cabral de Melo Neto pontificou e cantou da terra as belezas.*

O Pranto da Caatinga

O homem de estático semblante, sem a dinâmica que os traços da face oferecem, recostado à porteira, como se fosse possível ao inteiramente inerte suportar o peso dos vivos, mesmo que os vivos sejam quase mortos, assistia ao drama que a terra passava. As plantas e os bichos em prolongada agonia da fome e da sede, a tombarem nos sertões sob os acordes mais do que fúnebres da seca desoladora. Do lado de fora da cerca uma grande árvore de galhos desfolhados parecia abrir os braços em súplicas dos horrores, clamando por água que pudesse sanar a secura das raízes ou sarar as feridas do calor abrasante. Sob o vegetal, morreu a vaca malhada, de couro branco e manchas negras que desenhavam o mapa de todas as desditas. E o predador dos céus, de um preto muito preto, um desses com a marca da realeza no encarnado da cabeça, desceu para cumprir o desiderato da hora: limpar o mundo das podridões e das carniças.

Rios que secaram e inúteis barreiros, leitões expostos aos ares do nada, infeliz momento da natureza chorando o pranto seco da caatinga, sem lágrimas! A mulher morena, de pele curtida, segurava nas mãos os filhos que tinha! Crianças tristonhas, de semblantes parados, olhando o infinito das coisas em busca de um sinal que fosse, de nuvens chegando. Nada para ver e nada para olhar! O caçador que armou a espingarda com a pólvora e o chumbo não encontrou a caça do dia e de volta pra casa, com o vazio no bernal, fez a mãe de sua prole cozer a palma endurecida e amarelada de antigo plantio. O mandacaru na panela deixou-se virar em baba, imitando a quiabada bem cuidada, alimentou a família e sufocou o grito enorme dos estômagos em contrações do oco. Há muito não se tem por cá, nessas bandas do Sertão, Canidé acima e Canidé abaixo, comida de gente que mate a fome. E na mesa do almoço, o menino de olhar pidão fitava o prato, absorto! O homem, então, sofre a metamorfose de sua natureza e em bicho se transforma!

O cavalo mais que esquelético, de costelas à mostra e de pernas cambaleantes, passou à frente do carro, atravessando lentamente a rodovia, buscando, na verdade, um lugar no qual pudesse expirar definitivamente. Entregar-se ao destino cruel do tempo e da hora! Ao longe, a égua e o seu

filhote procuram na terra um resto de relva, do verde viçoso de um antes de esperanças nascentes, mas é a palha do chão que engana o herbívoro animal, adulto e velho, de cujas tetas não goteja mais o branco do leite. Resistem os carneiros, o bode e a cabra, mesmo que magros, sem a lã das friorentas paragens e de pêlos quebradiços, indeléveis marcas das secas vividas, da água faltando e do capim rareando. Se agrupam e o rebanho segue, investindo aqui e ali na amarelada penugem que ainda resta no solo. Comem até pedra, explica o moço, justificando o pouco de vida na paisagem desgraçada dos sertões esturricados.

O Velho Chico, porém, nas proximidades daquela secura, corre caudaloso e fértil, traz nas águas o húmus que faz a terra parir comida para alimentar a gente e o gado, para nutrir o homem trabalhador e o bicho pachorrento, a vaca e o boi, mas também a galinha poedeira e o peru de roda. Se à força da bomba a água sai e vai regar o roçado, cresce o quiabo e o milho brota, o feijão desabrocha e a mandioca mergulha nas intimidades do telúrico, a cebola ganha peso, cheiro e cor para temperar na cozinha a costela ou a cabidela, a buchada ou a dobradinha, o sarapatel de sangue pisado ou o fígado reluzente do criatório de casa. Não é à-toa que as experiências da CHESF mostram a valia da irrigação, complementando a geração de energia, dando à criatura a completude do humano. Engenheiros humanizados, inquietos com a natureza, insatisfeitos com a dignidade do habitante das desprezadas margens do grande rio. Gerentes dos convívios, das vivências e das convivências tupiniquins!

Eis o pranto da caatinga, que é o choro dos sertões, que vi e que ouvi em minha viagem a Xingó!

** Crônica de uma viagem a Xingó. Um diário da paisagem e da gente simples nos caminhos de Canidé. Visões que tive de uma seca enorme, contrastando com a fartura das margens do rio São Francisco.*

A Conta de Luz

O candeeiro era antigo, bem antigo, vindo de terras potiguaras, da casa-grande do engenho Guaporé, no Ceará-Mirim, onde vivera meu pai e sua família, lugar da aristocracia rural, com salas especiais para a música e a leitura ou para as refeições do dia-a-dia. Quando faltava luz, fenômeno mais que freqüente naqueles meus tempos da infância e da adolescência, um de nós, designado como voluntário, ia buscar na cozinha a caixa de fósforos e cumpria a missão de acender a velha peça, com todo o cuidado possível, para não quebrar a base de porcelana boa ou a manga de vidro barato. A reserva de velas, porém, era fundamental para se garantir a luminosidade noutros cômodos, para quem fosse se trocar, por exemplo ou para aqueles interessados num lanche ou na ceia, como chamava a minha avó paterna. E o velho candeeiro vai reaparecer, agora, nas cenas do dia-a-dia!

A iluminação das ruas era bem diferente, as lâmpadas acesas às dezoito horas pendiam dos postes de ferro e eram incandescentes. Todas as tardes, na boquinha da noite, passava o encarregado de ligar a chave e aí toda a extensão urbana visível ficava alumada. Pela manhã logo cedo, o homem fazia o caminho inverso, isto é, desligava tudo naqueles limites da Boa Vista com o bairro de Santo Amaro das Salinas. Quase ninguém tinha eletrodomésticos em casa, o liquidificador demorou a chegar e era peculiar, tinha o copo de alumínio. Assim a vitamina de banana, rodada no leite em pó misturado à água, não podia ser vista, senão quando estivesse pronta para o benfazejo uso. Geladeira nos meus começos era a do vizinho, para guardar penicilina, sobretudo, antes da picada no glúteo.

Certa vez, minha mãe trouxe do comércio um equipamento moderno, com o nome de *turmix*, não sei por que essa estranha denominação. Servia para fazer sucos diversos, do mais simples, o de laranja, aos mais complexos, aqueles com tomate e cenoura. Uma delícia esses extratos misturados de frutas e de verduras! E os aparelhos domésticos foram se acrescentando. Um belo dia o meu pai chegou de seus afazeres e comunicou que tinha comprado uma radiola, um aparelho que juntava o rádio e a vitrola. Uma beleza! Além disso, uma coleção de discos, a maior parte em trinta e três rotações – conhecidos como *long-play* –, mas alguns de quarenta e cinco e até as bolachas enormes que rodavam o conteúdo inteirinho de um só lado. Muitos da música clássica, uns de histórias

infantis, como a do macaco sabido e outros cantados por Maysa Matarazzo, dos agrados de minha mãe. E ninguém reclamava da conta! E não se conhecia, também, a palavra racionamento!

A televisão quando apareceu por cá foi uma festa. Eu assistia na casa da professora Dulce Chacon, psicóloga, não exatamente formada, mas suficientemente capaz de diagnosticar com testes os problemas infantis e as questões da juventude, sem esquecer as recomendações do estilo. Comigo mandou que aumentassem a minha mesada e eu ignoro a providência. À custa de muito sacrifício, finalmente, o novo equipamento aportou na sala de visitas e ao mesmo tempo de jantar. Era da marca *Cibeal* e tinha sido vendida por um quase parente, representante do produto. Preta e branca, como todas as outras, foi posta sobre o móvel da velha radiola e assim formava um conjunto audiovisual. Ali, sentado no sofá, vi os melhores programas da época, a jovem guarda aflorando e Roberto Carlos cantando e mandando todo mundo para o inferno.

O ar-condicionado restringia-se a uma elite diferenciada, como o chuveiro elétrico, inicialmente blindado e da marca *Lorenzetti*. Foram dispensados o ventilador e a banheira, o vento encanado dos temores de Dona Lila e a chaleira fervente do banho. Anos e anos se passaram para o colorido do mundo aparecer na telinha e mais anos ainda para se usar o controle remoto. Dizem que uma rede poderosa impediu que se mudasse de canal facilmente. Mas, apenas dizem! À distância, então, era possível trocar de estação ou alterar o volume. O videocassete surgiu nas vitrines mais de uma década depois e foi um sucesso, também. Afinal, seria possível assistir os filmes em casa, bem acomodado e sereno, mas o preço não convidava, como todos os outros aparelhos de uso doméstico nos começos. E da conta não se falava!

Hoje, o contador é um ansioso relógio das horas de luz e dos minutos de força. Racionar é preciso, com multa ou sem multa. Não há mais água para as turbinas! Valha-me Deus!

** Texto escrito durante um tempo de racionamento elétrico no Recife, por conta da falta de chuvas nas cabeceiras do rio São Francisco, de cujas cachoeiras a energia provém.*

Adeus à Torradeira

Mudou a paisagem noturna do meu entorno. Depois que o governo fez as recomendações para a economia de energia, apagaram-se as luzes que sempre brilharam nos apartamentos da vizinhança. Ninguém dorme mais com a lâmpada do banheiro acesa e não há claridade nos salões de festas, sequer a sonoridade costumeira das sextas ou dos sábados, quando Nelson entoava a toada da normalista e Gonzaga repetia a sina da Asa Branca. Calaram-se os poetas do verso popular. A mocinha que ia até tarde em seu computador, por certo que trocando juras de amor num *chat* qualquer, tirou da tomada o equipamento e sentou-se na praça em frente – um refúgio como me ensinaram –, pra fiar conversa, cara a cara, com o pretendente de ocasião. A outra, de quem só divisava a silhueta, dispensou o namorado que lhe abraçava às claras no quarto de dormir. Nem só de pão vive o homem, refletiu!

E agora? É ver para crer! Anda-se dentro de casa tateando as paredes, batendo aqui e peitando ali, contanto que se possa alcançar os 20% dos interesses estatais. O vidro espesso da mesa da sala fere a perna do primeiro incauto que tropeçar. Se o jarro de porcelana fina tombar de seu suporte – Valha-me Deus! – a bronca vai ser grande! Na cozinha estão interditados o forno de microondas e a lavadora de louças. Não adianta querer se livrar dos pratos sujos de domingo e das xícaras de café ainda com açúcar. Melhor segurar a bucha e pingar o detergente colorido, esfregando até à limpeza completa. Na área de serviços há uma máquina de lavar roupa recentemente comprada, de moderno desenho, diferente da anterior, por isso não se presta ao uso como mesinha para ler jornais. De uma vez todas as calças, camisas, vestidos e blusas serão submetidos à água corrente e ao sabão em pó!

Ar condicionado virou luxo, ligar, de forma alguma! O tempo não volta, mas quando menino dormia de pijama, cujo paletó tinha as mangas compridas e não havia no comércio sequer ventilador, senão umas peças enormes, pesadas, para uso comercial. Acordava, todos os dias, molhado em suor, sem dispensar, todavia, os sonhos e os devaneios, vez ou outra um pesadelo rolando pela escada de casa, de dezessete degraus contados e recontados na infância. O chuveiro elétrico virou enfeite, o banho frio,

gelado tantas vezes, volta ao cotidiano de toda gente ou a chaleira fervente será resgatada de um exílio de muitas décadas. Era assim no passado, com os temores maternos intervindo no higiênico exercício dos filhos, sob a constante ameaça de gripe. A ama cuidava de enxugar a meninada e às vezes excedia-se em cuidados com certas e detalhadas partes do corpo.

A torradeira de pão, que faz reviver o sanduíche da Confiança, com o queijo se derretendo na massa de trigo espremida, está suspensa, relegada ao segundo plano dentre os equipamentos de cozer e assar. Uma vez na semana o ferro será ligado e quente, bem quente, há de engomar as roupas todas. Difícil conseguir do pretérito o velho equipamento de cor preta, que esquentava à força das brasas postas no interior, tiradas do fogareiro a carvão com o pegador a isso destinado. A lavadeira, como se dizia ou a engomadeira, como também se falava, passava peça por peça, cuidadosamente, borrifando água com a mão, mesmo. O terno de linho branco de meu pai precisava da goma para ficar mais encorpado e, sobretudo brilhar à luz do sol. Os vestidos de minha mãe, de igual forma, pois que seriam usados em recepções a que comparecia ou nas festas de Isnar de Moura, jornalista do batente.

Sou nascido no blecaute da guerra, fui amamentado na escuridão e nos primeiros anos de vida quase não via luz elétrica acesa, por essa e por outras, não me incomodarão os dias do porvir, condenados à negritude da noite. A lua há de alumiar dos céus os caminhos e as estradas, enfeitiçar os casais enamorados e inspirar os poetas que sofrem com a perda dos amores vividos. O sol há de raiar todas as manhãs, embalando o sono das madrugadas, despertando os homens de boa vontade para o trabalho e as crianças que de má vontade vão às escolas e têm raiva de quem inventou o estudo. Os postes de Casa Amarela, que não se apagam com a claridade, servirão de mote à oposição municipal. E outra vez o acendedor de lampiões que meu pai conheceu – Boca de Uruá – na cidade em que nasceu, passará com o seu bordão apagando a luz!

** Texto escrito durante um tempo de racionamento elétrico no Recife, por conta da falta de chuvas nas cabeceiras do rio São Francisco, de cujas cachoeiras a energia provém.*

A Normalista Linda

Sou do tempo do gasômetro e do bonde elétrico, do telefone cônico no ouvido e do largo bocal voltado às palavras de um interlocutor qualquer, que aos gritos deixava a sua mensagem, sem as sofisticções do hoje. Das ligações para Boa Viagem intermediadas pela telefonista, atenciosa sempre, do Serviço de Informações Gerais - o SIG -, cujo número gravei na memória (3011) e para o qual ligávamos todos, à cata dos melhores filmes e das localizações urbanas das ruas e das avenidas, dos becos e das vielas ou à procura de uma conversa fiada com a moça da empresa. E a resposta vinha antecedida por um comercial, chamado de reclame ao tempo: "Num presente exclusivo das Pílulas de Vida do Doutor Rossi, o cinema São Luiz exhibe nesta tarde o desenho animado de Walter Disney: Peter Pan!". Mas, alertava a minha mãe, se alguém ligasse e fizesse uma pergunta - "Rins doentes?" -, não esquecesse de responder: "Tome Urudonal e viva contente!". Havia prêmios, dizia ela, para quem acertasse! Nunca ouvi a indagação e muito menos conheci as benesses resultantes!

E sou do tempo em que o sabonete *Phebo* oferecia uma casa a quem fizesse uso do produto, trazendo escondida, nessas intimidades saponáceas, uma chave. Todos cuidavam em passar no corpo, mais e mais, aquele escorregadio pretume, para encontrar a salvação da família inteira. Nunca soube, também, de penitente aquinhoado, brindado com essa riqueza, a da casa própria. Vez ou outra, todavia, a marca *Lever* vinha à tona, o sabonete das estrelas, para que se pudesse cumprir o desiderato do devaneio, fantasiando-se no imaginário pueril Brigitte Bardot tomando um delicioso banho na Riviera francesa. Quem colecionasse tampinhas de Coca-Cola podia ganhar um carro da marca *Skoda* ou geladeiras em quantidade. Uma dessas, entretanto, tornou-se de tal forma difícil, que virou apelido de quem se julgava importante: G15. Até as marcas de sorvete agradavam ao consumidor, expondo nos palitos o direito de mais um picolé, O Daqui, por exemplo, com o gostoso Tatá ou com o Saía-e-Blusa.

Na soverteria Xaxá nos começos da rua Bispo Cardoso Ayres, a rapaziada do Nóbrega fazia ponto, para assistir o desfile das moças do

Colégio Eucarístico, de branco e encarnado, escuro e carregado ou para saborear o maracujá e o cajá virados em gelo de bom paladar. Lá pras bandas da rua do Príncipe, esquina com a Afonso Pena, partiam as meninas do Colégio Arquidiocesano de volta ao lar paterno, primeiro e derradeiro abrigo, na voz do poeta! “Vestida de azul e branco/Trazendo um sorriso franco...”, como está no cancionero. Mas a normalista linda/Não pode casar ainda/Só depois que se formar/...”. Gente bonita e faceira, de pele estirada, no viço da idade, de formas protundentes em geral, tagarelando conversa! Saias rodadas, mesmo que plissadas ao rigor do ferro quente, dando graça ao requebrado das ancas, engrandecendo movimentos de lateralidade explícita! Muitos amores nasceram assim, de um flerte qualquer no meio da rua ou no passeio ou no andar plácido e tranqüilo do tempo, no nada das coisas ou no nada da vida.

O conquistador desvairado, entretanto, acomodado em seu *Mustang* cor do sangue, tirou de tantos o gosto da sedução, rodando a chave do carro no indicador da direita, nas alamedas do parque ou nas festas das igrejas. Aniquilou desejos que se encorporaram pras bandas do novo edifício, do Vitória Régia, então, tomando de assalto a musa daquele prédio, Cida por cognome! Encantou a gregos e a troianos, mas nunca desencantou vontades!

Saudades do Futuro

Fosse vivo o meu pai e me encontrasse na Internet – <http://blogdegeraldopereira.blogspot.com/> -, com direito a alguns textos dos meus artigos publicados aqui neste espaço de jornal, não hesitaria e diria: “Invenção da mãe do cão!” E é isso mesmo: astúcia da modernidade! Os avanços são tantos e de tal maneira rápidos, que não há forma de atualização, senão a de frequentar a enorme teia virtual diariamente, buscando aqui e ali inovações da criação humana. De minha parte, confesso, tenho saudades do futuro, do que está por vir, do extraordinário desenvolvimento da ciência e da técnica. Quem nasce hoje não há de se admirar, mas quem assistiu a tudo isso, quem escreveu molhando a pena no tinteiro ou quem aprendeu datilografia e gastou horas e mais horas sentado nas bibliotecas, só pode viver numa perplexidade muito grande. É o meu caso!

Ora, quando era menino, ganhei de presente uma pena que tinha o cabo colorido, às custas de cordões encarnados, verdes e azuis. Uma beleza! Sentava-me em antigo e carcomido “bureau” para rabiscar sentimentos emergentes. Não sabia usar as vírgulas e os pontos, pior o ponto-e-vírgula, mas já tinha desejos e vontades, de amar e ser amado, sobretudo, razão dos meus devaneios. Com um imaginário de rara fertilidade, divagava em etéreas distâncias, fantasiando paixões. Depois, ganhei uma caneta *Compactor*, posta hoje em feiras de antigüidades, como se eu próprio já fosse velho, condenado à condição de fóssil. A seguir, quando entrei no Curso Científico, uma *Parker 51*, o máximo em termos de elegância masculina. Mas, aos 15 anos recomendou meu pai: “Matricule-se numa escola de datilografia! Você vai precisar! Talvez vá trabalhar no comércio!”. E na rua do Lima, com uma professora muito braba e feia, aprendi os segredos do teclado.

O tempo passou e eu não vi! Um belo dia me falaram do computador, dessa máquina de tantos poderes, explicando que tinha memória, isto é, que poderia guardar textos e outras formas de expressão humana. Até fotos, dizia amigo meu! Quando vi a grande rede virtual, antes mesmo dos avanços atuais da Web, francamente, fiquei encantado. Afinal, podia me sentar diante da telinha e pedir o assunto que desejasse,

sem ter que me ater aos alfarrábios das bibliotecas, escolhendo o dia e a hora, livremente. Ai me animei e comprei o meu primeiro computador, que é como o primeiro amor, ninguém esquece. Aprendi a mexer sozinho, o que foi um erro, apaguei programas importantes e fiz deletar arquivos que não deveria, mas me habituei à novidade e não vivo mais sem a máquina e a rede!

Dia desses, porém, tendo enviado um E-mail à Inglaterra, onde reinava amigo meu, Jair de prenome, recebi de volta uma quase desaforada resposta: “Não me escreva mais! Não lhe conheço e não conheço Jair! Não me interessam as suas posições em relação ao sistema de saúde no Brasil!” Assinando a mensagem uma certa Jéssica. Preparei nova correspondência dizendo: “Desculpe! Não lhe escreverei mais! A máquina não se engana, mas o homem erra! O endereçamento não estava correto!” Fiquei surpreso quando vi a resposta da resposta: “Pode continuar a me escrever! Sou advogada e moro em Macau! Tenho 32 anos!” Fiquei entusiasmado, posso dizer. Mandeí fotos do Recife e me referi às relações tupiniquins com a gente daquele lugar distante, mas um derradeiro E-mail me deixou paralisado: “Sou casada!”. Nada tinha escrito que pudesse ferir a sua situação marital, mas inibido assim, com afirmativa tão forte, esqueci a penitente. Talvez o marido, tomado pelos virtuais ciúmes, a tenha levado à drástica atitude de interromper essa nascente amizade. Quem sabe?

É difícil fantasiar como seria essa portuguesa largada pras bandas de Macau, se bonita ou feia, se arabizada ou não, mas é lícito pensar que toda mulher é bela, quando o sorriso largo enfeita a face e os olhos brilham irradiando as cores do arco-íris.

É por aí!

A República de Puxinãã

Uma coisa é fazer a leitura de um livro e o esquecer na estante, outra é discutir com um grupo de literatura, como aquele de que venho participando: “A Construção da Alegria”. Passar página por página fazendo anotações à margem e sublinhando as frases mais interessantes, os diálogos marcantes. Eleger um autor e cumprir o caminho da obra, livro após livro, depois de se ouvir um depoimento pessoal, como aconteceu com Raimundo Carrero ou de se ter na reunião um amigo ou um especialista no escritor já falecido. Foi o caso de Gilvan Lemos, que falou de Osman Lins e dele próprio. Eleito para o ano que vai transcorrendo, Carrero recomendou a leitura inicial de *O Delicado Abismo da Loucura*, três novelas reunidas num só volume, a serem discutidas em meses subseqüentes, como já sucedeu com a primeira: *Bernarda Soledade: A Tigre do Sertão*.

Ariano Suassuna na introdução ao texto mostra que depois de seu *Romance d’ A Pedra do Reino*, a novela de estréia do Movimento Armorial, surgiu Raimundo com uma escrita tomada pelo áspero e mágico do romanceiro popular, exposto desde o título. Título no qual a palavra tigre aparece no feminino, como é costume nos sertões. O vocábulo nos agrestes refere-se à onça negra ou a uma mulher valente e cruel. É o caso de *Bernarda*: corajosa e ríspida. E vai demonstrando que Carrero é emblemático, carregado do concreto, tem a inspiração povoada por signos e insígnias. Armorial, então! Está distante das abstrações dos sentimentais e saudosistas. E explica que o segredo da obra de um autor, tantas vezes, é desconhecido para ele mesmo. Uma obra reúne as experiências de quem a escreveu, as vontades e os desejos nunca realizados, os casos contados em rodas de conversa e as coisas ouvidas. Nada é simplesmente criado ou inventado.

A novela é agitada, inquieta, desassossegada, turbulenta. Sente-se, à medida que se vai progredindo com a leitura, o corre-corre das coisas, o mexe-mexe, o vaivém, o bole-bole, o resfolegar e uma agitação barulhenta parece marcar cada uma das páginas. O leitor fica preso, é capaz de ir da primeira à última página de um fôlego só. Mas, há certas peculiaridades na ficção de Carrero: a traição e a morte, as assombrações e a religião, os

fantasmas e os feitiços. O diabo comanda o espetáculo e ronda a casa, enquanto os maus ventos apagam as velas, trazendo agouros. Os mortos vão e ameaçam voltar, gemem nas bandas do milharal. Mas, os santos aparecem a cada parágrafo ou a cada frase bem cuidada, até um São Raimundo integra o time celestial posto à disposição da família. O santo guerreiro – São Sebastião – traz o corpo cruzado de flechas e sangra o tempo todo.

Ora, o coronel Pedro Militão, dono da casa, pai de duas filhas, entre as quais a Tigre, é traído pelo irmão e amanhece pendurado no laço miserável da forca. Anrique, o irmão e assassino de Militão, traiu o patriarca moleirão e traiu os revoltosos da cidade, aos quais havia prometido, além da morte do coronel, seduzir a sobrinha Bernarda. Mas cai nos encantos da moça e promove no canto simples uma matança geral dos líderes. A Tigre do Sertão, enfeitada pelo tio – e o incesto marca a novela –, vestida de vermelho com enfeites dourados, deixa-se possuir pela danação do homem embruxado e a barriga aparece. A criatura, que desejava um herdeiro homem, não admite uma mulher a mais na casa que governa e a menina sucumbe à maternagem ausente, definha e queima em febre. Morre e se enterra. A tia da defunta, Inês de prenome, nunca deixou de bordar o galo vermelho, ornado de prata que lhe daria, o qual se transforma em estandarte que a Tigre hasteia no pátio.

Ninguém esqueça de Gabriela, viúva de Pedro, o coronel imprestável, que enlouquecera depois da morte do homem. Loucas, aliás, eram todas, Bernarda e a irmã, que se desnudava a três por quatro, embora nem os cavalos, que eram machos também, podiam ver o branco de seu corpo. Vestida de noiva Gabriela esperava, a cada noite, o cortejo de um hipotético noivo, que viria portando um estandarte vermelho com um galo todo cravejado em ouro e dois esporões de marfim. Acompanhado de uma banda de pífanos e de um séqüito de cavaleiros com bandeiras brancas à mão, nas quais havia um touro preto no centro, com os olhos de fogo, os chifres de marfim, cercados por donzelas montadas em cavalos brancos, conduzindo bandeiras vermelhas com uma pomba branca no meio. E a pomba não tem bico, mas apenas lábios bem feitos e bem pintados, sedutores então.

E um herdeiro parido das entranhas de Inês, macho no sexo, foi rejeitado por Bernarda, a Tigre do Sertão, que o matou, manchando de sangue as cristalinas águas do rio. Eis o cotidiano na fazenda Puxinãã ou na republica de Puxinãã.

Posfácio

Este é um livro espontâneo, nascido dos meus arquivos de computador ou dos meus alfarrábios virtuais, testemunhas de minha trajetória neste exercício de que tanto gosto: a escrita. São crônicas publicadas em grande maioria no Jornal do Commercio do Recife – uma ou outra inédita –, algumas mais antigas e outras mais recentes. Textos, em grande parte também, nascidos de minhas lembranças e de minhas recordações, paridos em momentos de inspiração, quase diria, poética, mas redigidos sempre sob a forma de prosa. Não tenho o privilégio do verso! Uma coletânea, pois, de artigos sem uma ordenação temporal, arrumada segundo as tendências do que fui encontrando, à medida que organizava o volume. O leitor há de ter notado isso! Sendo assim, me dispensará de certas repetições das saudades ou de melancolias que experimentei na vida; repetições porque escritas – as crônicas – em anos distintos ou em ocasiões diversas.

Lembranças de minha cidade, do meu canto e dos meus encantos, dos meus desencantos também, nas entrelinhas, sobretudo, as quais nem sempre representam o claro do texto. Mas, há reflexões que pude fazer nos meus consentidos isolamentos, observando o comportamento alheio de um personagem aqui ou de outro ali. De cada um desses atores do meu cotidiano guardo uma lição, da gente nova e da gente mais velha, do homem simples e da criatura de classe média, sofrida e lutadora, do burguês raramente. Lições daquele operário da construção civil que vigiava o prédio em frente e recebeu o casal de idosos em busca de um lugar para viver. Ou lições do louco sentado na praça, a folhear uma revista qualquer da nudez humana. Aprendizado a propósito da solidão humana na figura da mulher quarentona, vizinha de frente, que existe e não existe. E outras lições!

Mas este livro, particularmente e talvez o anterior – A Medida das Saudades – teve um simbolismo peculiar para mim que o escrevi por partes, letra após letra, palavra após palavra, em semanas ou meses, em meses ou anos. Em décadas até. Trata-se de um rito de passagem, na medida em que chega para marcar um novo tempo em meu cotidiano. É que depois de ter adoecido gravemente, depois de ter visto a bruxa da

morte de muito perto, devo ter ressuscitado da minha quase tumba e não me prendo mais às nostalgias como dantes. Atravessei um ano inteirinho doente, amargando o insuportável das dores ósseas, rebeldes aos analgésicos comuns e resistentes aos entorpecentes, drogas da indolência e da prostração, fármacos em tudo debilitantes.

A cirurgia a que me submeti, sob as sacrossantas mãos de Geraldo Sá Carneiro, não serviu apenas para fixar a minha coluna, mas me devolveu a qualidade de vida. Fez-me enxergar a existência sob a ótica do novo, de um porvir sempre esperado e desejado, aguardado com ansiedade. Tenho agora saudades do futuro. Criei objetivos diferenciados e perspectivas diversas. Resgatei as minhas utopias. Mudei de imagem e mudei as minhas imagens do mundo. Não foi fácil enfrentar essa metamorfose somática e controlar as transformações emocionais concomitantes. Cada hora e cada dia contaram para mim como uma reentrada na órbita da vida, tal o impacto e tal o choque. A cada palavra ou a cada indagação uma colisão no meu eu. Um comentário distante, à guisa de uma descrição insolente, e um novo embate se travava em minha intimidade ou em meu imaginário. Mas, os tropeços e os percalços são necessários, por vezes, dores são tempestades que se seguem da esperada bonança.

Voltei às minhas atividades todas ou quase todas. Fui nomeado para o Conselho Estadual de Cultura e me voltei para o estudo sistemático da história da medicina em Pernambuco. Publiquei um trabalho em revista importante e hei de continuar a estudar e a pesquisar nessa área do saber, reavendo dados e fatos que marcaram a prática de Hipócrates entre nós. As antecipações ou os pioneirismos tupiniquins. Publiquei, também, um trabalho científico sobre a transição da mortalidade no País e no Estado. Um rito de passagem, igualmente, de quem vai deixando as atividades no campo da epidemiologia e migrando para uma investigação diferente, buscando o passado científico ou o pretérito médico. Continuo como Presidente da Academia Pernambucana de Medicina e mantenho minha presença nas páginas do Jornal do Commercio, às vezes com regularidade e às vezes de forma bissexta.

Penso, ando e falo! Vou e volto, saio e chego, viajo e regresso. Vou ao campo e admiro as plantas, ouço o trinar dos pássaros e sei apreciar o bom prato e a bebida saudável. Reúno a família em finais de semana que vão se tornando esparsos – cada qual foi para o seu canto – e leio de forma ávida a literatura e a ciência. Trabalho por prazer e tenho prazer com pouco trabalho.

Sou feliz!